

## **O CATOLICISMO MILITANTE EM MINAS GERAIS: ASPECTOS DO PENSAMENTO HISTÓRICO-TEOLÓGICO DE JOÃO CAMILLO DE OLIVEIRA TORRES**

**Rodrigo Coppe Caldeira\***

**RESUMO:** Entre agosto de 2009 e junho de 2010 desenvolvemos uma pesquisa que visou analisar o pensamento político-teológico do católico leigo mineiro e historiador João Camillo de Oliveira Torres (1915-1973). Para tanto, a investigação pautou-se na reflexão a partir dos seguintes objetivos: pensar a conjuntura religiosa no Brasil da primeira metade do século XX – já que é nesse período que nasce João Camillo e que desenvolve seus interesses particulares –; analisar o campo da chamada história das idéias e dos principais trabalhos historiográficos sobre o pensamento católico no Brasil – a fim de tentar compreender as principais personagens do período e suas relações com o católico mineiro –; compreender a atuação da Igreja católica de Belo Horizonte como pano de fundo da emergência do intelectual, com seus nomes principais, entre leigos e clérigos, e aqueles autores estrangeiros que influenciavam o catolicismo da capital mineira, e por fim, apreender algumas influências analisadas a partir de escritos de João Camillo, visando apontar para algumas pistas teóricas para futuras verticalizações.

**PALAVRAS-CHAVE:** laicato; João Camillo de Oliveira Torres; Igreja católica contemporânea; catolicismo mineiro.

### **THE MILITANT CATHOLICISM IN MINAS GERAIS: ASPECTS OF THE HISTORICAL-THEOLOGICAL THOUGHT OF JOHN CAMILLO DE OLIVEIRA TORRES**

**ABSTRACT:** Between August 2009 and June 2010 we developed a survey that aimed to analyze the political-theological thought of the catholic laity and historian from Minas Gerais, John Camillo de Oliveira Torres (1915-1973). For this, the research was based on the reflection from the following objectives: to think the religious situation in Brazil in the first half of the twentieth century - which was John Camillo's birth and when he develops its own interests - and to analyze the field called history of ideas and also the main historiographical works on Catholic thought in Brazil - in order to understand the main characters of that period and its relations with the catholic from Minas Gerais -; understand the role of the Catholic Church of Belo Horizonte in the background of the emergency of the intellectual, with its principal names among laymen and clergy, and those foreign authors who have influenced the Catholicism in Belo Horizonte, and finally learn some influences analyzed from the writings of John Camillo, to point to some theoretical possibilities for future verticalizations.

**KEYWORDS:** laicity; João Camillo de Oliveira Torres; contemporary catholic Church.

#### **1. A emergência de um intelectual católico na conjuntura religiosa do Brasil da primeira metade do século XX**

---

\* Professor Adjunto III e pesquisador do Departamento de Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Atualmente é co-editor da Revista Horizonte (Teologia e Ciências da Religião – PUC-Minas). Historiador pela mesma universidade e Doutor em Ciência da Religião pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Publicou neste ano o livro **Os baluartes da tradição: o conservadorismo católico brasileiro no Concílio Vaticano II**. Curitiba: CRV, 2011. Contato: rcope@pucminas.br

Todo intelectual é marcado por uma gama de influências, que devem ser necessariamente investigadas a fim de encontrar algumas chaves de leitura que facilitem a compreensão do seu pensamento, sua atuação pública e o contexto que se desdobra em seu entorno. Desta forma, o principal objetivo deste artigo – fruto de investigação financiada pelo Fundo de Incentivo à Pesquisa (FIP) da PUC-Minas<sup>1</sup> – foi realizar uma primeira aproximação do pensamento político-teológico do leigo católico, historiador e professor mineiro João Camillo de Oliveira Torres.<sup>2</sup>

João Camilo<sup>3</sup>, que “teve papel discreto, mas profundo, na vida intelectual brasileira” (VILLAÇA, 2006, p. 268), foi uma das figuras de maior destaque do cenário político e religioso de Minas Gerais. Escritor de dezenas de obras, como as famosas “História do Positivismo no Brasil”, “A democracia coroada”, “História das idéias religiosas no Brasil”, “Teoria geral da História”, entre outras<sup>4</sup>, destacou-se como homem público em Minas Gerais e no Brasil. Segundo Villaça (2006), João Camillo conciliou “as tendências de seus predecessores, a visão de historiador e a de sociólogo, e lhes acrescentou um dado novo: a formação filosófica” (p. 268). Para Moura (1978, p. 180), outro historiador preocupado em apresentar de forma sintética as principais direções do pensamento católico do Brasil no século XX, João Camillo “é, inegavelmente, a mais brilhante representação do pensamento católico mineiro. Com Guimarães Rosa e Carlos Drummond de Andrade, ele projetou-se acima dos demais de sua terra, na cultura brasileira” (MOURA, 1978, p. 180).

Nascido em Itabira do Mato Dentro, Minas Gerais, em 31 de julho de 1915, cursou filosofia na extinta Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro. Ingressou no magistério lecionando Ética na Faculdade de Filosofia da UFMG e logo começou também a lecionar outras disciplinas na Universidade Católica de Minas Gerais (UCMG). Com sua atividade de pesquisador em crescimento, João Camillo foi transferido, em ambas as faculdades, para o Departamento de História. Pertenceu ao Conselho Estadual de Educação e ao Conselho Estadual de Cultura Popular. Como funcionário público desempenhou atividades como secretário da Comissão que elaborou

<sup>1</sup> A pesquisa foi realizada entre agosto de 2009 e junho de 2010.

<sup>2</sup> É importante citar que o catolicismo é ainda um dos grandes temas da história e da sociologia da religião e que ainda é e será objeto de importantes discussões para se entender, não só a posição da Igreja católica no mundo de hoje, mas para compreender, também mais alargadamente, o fenômeno religioso no mundo contemporâneo. Como instituição milenar, a Igreja torna-se um dos melhores objetos para essa compreensão. Cf. ZUBER, Valentine (dir.). **Un objet de science, le catholicisme. Réflexions autour de l'œuvre d'Émile Poulat**. Lonrai: Bayard, 2001.

<sup>3</sup> Como passo a tratá-lo a partir de agora neste texto.

<sup>4</sup> Cf anexo com lista de todas as obras, publicadas e não publicadas, de João Camillo de Oliveira Torres.

a Lei Orgânica da Previdência Social; secretário da junta de Julgamento e Revisão do ex-IAPC em Minas Gerais e delegado do mesmo instituto; coordenador de Seguros Sociais e Superintendente Regional do Instituto Nacional de Previdência Social também em seu estado natal. Pertenceu à Academia Mineira de Letras, ao Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, ao Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e à Academia Portuguesa de História, falecendo no ano de 1973.

João Camillo foi uma figura peculiar no panorama político e religioso brasileiro. Em seu desenvolvimento intelectual foi testemunha de importantes eventos históricos brasileiros e mundiais, e sofreu influências filosóficas e teológicas que marcariam sua forma de interpretar o mundo e o cristianismo. Com uma obra monumental, de livros de ciência política, história, filosofia e teologia, a livros infantis, João Camillo transitou por várias correntes de pensamentos. Em sua pequena autobiografia intelectual<sup>5</sup> elenca as diversas – e às vezes contrapostas – influências sofridas no decorrer dos anos: Max Scheler<sup>6</sup>, Henri Bergson<sup>7</sup>, Duns Escoto<sup>8</sup>, Francisco Suarez<sup>9</sup>, Teilhard de Chardin<sup>10</sup> e Jacques Maritain<sup>11</sup>. Além desses, que cita em primeiro plano, refere-se também a

---

<sup>5</sup> LADUSÃNS, S. **Rumos da filosofia atual no Brasil em auto-retratos**. São Paulo: Loyola, 1976, p. 343-358.

<sup>6</sup> Max Scheler (1874-1928) é reconhecido por seus trabalhos em fenomenologia, ética e antropologia filosófica. Escreveu o influente **A posição humana no cosmos**, um dos trabalhos mais decisivos de antropologia filosófica.

<sup>7</sup> Henri Bergson (1859-1941) é considerado um dos mais importantes nomes da filosofia contemporânea. Construiu uma crítica aos discursos científicos e filosóficas que reduziam a dimensão espiritual do homem às leis previsíveis, tendo como suas obras principais **Matéria e Memória**, **A evolução criadora** e **As duas fontes da moral e da religião**

<sup>8</sup> Duns Scoto (1265-1308) nasceu na Escócia e tornou-se membro da Ordem Franciscana. Segundo estudiosos, sua contribuição maior consubstanciou-se numa teoria que valorizava a experiência, distanciando-se das preocupações estritamente com as essências universais e transcendentais.

<sup>9</sup> Suárez (1548-1617), espanhol, jesuíta, filósofo e jurista é um dos principais representantes do jusnaturalismo. Pensando a partir das reflexões de Santo Tomás de Aquino, Suarez é considerado um dos mais importantes pensadores da “Segunda Escolástica”, sendo um dos precursores da idéia de “pacto social”. Produziu uma transformação na interpretação do conceito de soberania e distinguiu importantes conceitos como lei natural, lei divina, lei positiva humana e lei positiva divina. Segundo João Camillo, “procurou de certo modo associar Duns Escoto ao tomismo tradicional, a ponto de compêndios de filosofia rotularem sua posição de ‘eletismo’” (Caixa 10, Pasta 9, 9 pgs).

<sup>10</sup> Teilhard de Chardin (1881-1955), francês, jesuíta, teólogo e paleontólogo, é considerado um dos principais pensadores católicos do século XX. Sua teologia tentou construir uma aproximação com o evolucionismo darwinista, visando reconciliar algumas premissas do mundo moderno com as forças sagradas da existência, o que causou espécie em alguns setores conservadores do catolicismo romano. Algumas de suas obras principais são: **O meio divino** (recentemente reeditado pela Editora Vozes) e **O fenômeno humano**.

<sup>11</sup> Jacques Maritain (1882-1973), francês e filósofo, é considerado um dos maiores, senão o maior, expoentes do pensamento católico do século XX. Assinalou-se como um dos nomes do movimento neotomista da virada do século XIX para o XX e impactou o mundo católico com a publicação de sua obra maior **Humanismo Integral**. Também foi objeto de desconfiças de Roma e teve centenas de seguidores por todo o mundo. Cf. RODRIGUES, Cândido Moreira. Da Ação Francesa ao humanismo integral: o filósofo Jacques Maritain na França das décadas de 1920 a 1940. Contemporâneos. **Revista de artes e humanidade**. n. 4, maio/out, 2009, p. 1-18.

Sigmund Freud<sup>12</sup>, Charles Maurras<sup>13</sup>, Oswald Spengler<sup>14</sup> e Arnold Toynbee<sup>15</sup> para a política, e Scheeben<sup>16</sup>, Adam<sup>17</sup>, Daniélou<sup>18</sup>, Jornet<sup>19</sup>, Congar<sup>20</sup>, Hildebrand<sup>21</sup> e Thils em teologia.

João Camillo desempenhou um papel de primeira linha entre a intelectualidade católica mineira e brasileira, escrevendo continuamente para a imprensa religiosa, além de outros jornais, que escrevia também regularmente. Entre a imprensa católica, escreveu regularmente no *O Diário Católico* de Belo Horizonte (seu primeiro artigo no jornal data no natal de 1936), nas *Vozes* dos franciscanos de Petrópolis, e na famosa *Ordem*, do Rio de Janeiro, também com colaboração regular.

---

<sup>12</sup> Sigmund Freud é considerado o pai da Psicanálise, teoria psicológica que deu seus primeiros passos desde o final do século XIX até final da década de 1930 com a morte de Dr. Freud. Teve, e ainda tem, grande influência nas Ciências Humanas como um todo na medida que Freud se afirma como o divulgador da existência do inconsciente e que pode ser considerada uma teoria que marcou o chamado “descentramento do homem” (HALL, 1999).

<sup>13</sup> Charles Maurras (1868-1952) é considerado o maior representante francês do pensamento monárquico. Fundador de jornal nacionalista e do movimento que influenciou muitos católicos por todo o mundo, a *Action française*, era anti-semita e germanófono. Condenado por Pio XI na década de XX, foi restabelecido mais tarde por Pio XII.

<sup>14</sup> Oswald Spengler (1880-1936), alemão, filósofo e historiador, cuja sua obra máxima, **O declínio do Ocidente** (1918), marcou profundamente os debates historiográficos e filosóficos do século XX.

<sup>15</sup> Arnold J. Toynbee (1889-1975) foi um historiador inglês que escreveu a monumental – 12 volumes – e influente **Um estudo de História**, pela qual analisava a emergência e a queda das civilizações a partir de uma perspectiva globalizante.

<sup>16</sup> Scheeben (1835-1888), teólogo alemão, estudou na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e foi um dos grandes nomes da teologia católica do século XX. Considerado como um pensador de vanguarda naquele contexto, as idéias de Scheeben influenciaram alguns bispos que se encontravam no Concílio do Vaticano (1869-1870), especialmente aquelas que se referiam à noção eclesiológica de “Corpo místico de Cristo”, contudo não tendo muita receptividade naquele momento, apenas no Concílio Vaticano II, ou seja, quase um século depois. Cf SESBOÛE, Bernard. **Os sinais da salvação** (séculos XII-XX). Tomo III. São Paulo: Loyola, 2005.

<sup>17</sup> Karl Adam (1876-1966) foi um teólogo alemão. Ensinou Teologia Moral e Teologia Dogmática na Universidade de Tübingen. Entre seus livros mais importantes incluem-se **Tertullian’s Concept of the Church, Eucharistic Teaching of St. Augustine, Christ Our Brother, The Son of God, The Spirit of Catholicism, Roots of the Reformation and One and Holy**.

<sup>18</sup> Jean Daniélou (1905-1974) é considerado também como um dos grandes nomes da teologia católica do século passado. Francês, teólogo, historiador e cardeal da igreja romana, escreveu inúmeros livros. Foi um dos peritos do Concílio Vaticano II (1962-1965) influenciando diretamente em alguns de seus documentos.

<sup>19</sup> Charles Jornet (1891-1975), teólogo suíço e cardeal. Foi uma das grandes influências nos debates conciliares. Amigo íntimo de Jacques Maritain, fundou com o filósofo, em 1926, o jornal **Nova et Vetera**.

<sup>20</sup> Yves Congar (1904-1995), francês, é também considerado um dos maiores teólogos católicos do século XX. Entre suas inúmeras obras destacam-se **Para uma teologia do laicato, Tradição e tradições e O Espírito Santo**. Foi também, com Daniélou, um dos peritos do Vaticano II, influenciando os debates entre os bispos com suas idéias e, inclusive, influenciando diretamente um dos documentos mais importantes emanados pela assembléia, a Constituição Dogmática *Gaudium et Spes*.

<sup>21</sup> Dietrich von Hildebrand (1889-1977) foi um filósofo e teólogo católico alemão, chamado por Pio XII como “o doutor do século XX da Igreja”. Escreveu vários livros, entre eles **Liturgy and Personality** (1943) e **The encyclical Humanae vitae, a sign of contradiction; an essay on birth control and Catholic conscience** (1969).

Ao solicitar financiamento junto ao FIP para a pesquisa da trajetória intelectual de João Camillo, nós já vislumbrávamos que um ano de investigações seria primeiro passo em direção ao objeto. As fontes escritas são inúmeras. Por volta de 80 caixas de cartas recebidas, com algumas cópias de cartas enviadas, 23 caixas de artigos, muitos sem título e sem data, somando 225 artigos, livros não finalizados e fotos pessoais. Além dessa farta documentação, João Camillo nos legou inúmeros livros, deixando neles impresso sua maneira específica de compreender o catolicismo e o mundo.

O projeto objetivou, de forma geral, analisar o pensamento político-teológico de João Camillo de Oliveira Torres, buscando compreender o contexto em que foi plasmado e as influências sofridas. De fato, a partir do momento que tivemos contato com as fontes, foi preciso, a partir do objetivo geral, circunscrever ainda mais o período de estudo, para que se apresentasse uma pesquisa mais verticalizada no campo metodológico escolhido, ou seja, o da chamada história das idéias. Dessa forma, optou-se, num primeiro momento, concentrar-se em buscar estas influências sofridas por João Camillo entre 1950 e 1970, um pouco antes de sua morte. Decidiu-se por esse período devido à proximidade com a realização do Concílio Vaticano II (1962-1965), o evento mais importante da história da Igreja contemporânea e que causou grandes debates em torno da missão da Igreja no mundo moderno – e que, proximamente, em 2012 comemora-se os cinquenta anos de sua abertura.<sup>22</sup> Portanto, estudar o pensamento deste intelectual católico mineiro pode ajudar também na compreensão dos debates que se sucediam naquele período da história da Igreja.

Assim sendo, além das fontes que se encontram no seu arquivo pessoal no *Centro de Memória* da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, a pesquisa também ampliou ainda mais seu campo de investigação buscando no jornal *O Diário* – em microfilme na Biblioteca da universidade, como referido – artigos de João Camillo que pudessem demonstrar, de certa forma, os temas de debates anteriores ao concílio, que de certa forma preparam a sua gênese, visando compreender como, no Brasil, pensava-se, por exemplo, as novas práticas litúrgicas que se consolidavam, as

---

<sup>22</sup> É mister afirmar que, no Brasil, ainda há muito por se fazer no que tange à investigações sobre os impactos das determinações conciliares no País. Falando-se em Minas Gerais e, especialmente, em Belo Horizonte, verifica-se uma quase não existência de estudos. Um dos nossos objetivos, assim, é desenvolver um estudo que tenha a capital mineira como campo de estudo para se investigar como ocorreu o processo de recepção do concílio no Brasil.

influências da *nouvelle theologie*<sup>23</sup> em terras brasileiras ou como deveriam se dar as relações entre Igreja a Estado.

## 1.2. Referencial teórico e metodológico

Pensou-se inicialmente em subdividir o marco teórico da pesquisa a partir de duas linhas: a primeira que versa exclusivamente sobre a perspectiva metodológica que acompanha a pesquisa como um todo; a segunda, que passe pelas obras utilizadas até o momento para a leitura do contexto no qual se insere o ator social específico, no caso, o leigo e militante católico João Camillo de Oliveira Torres.

Importantes obras foram escritas sobre alguns aspectos do catolicismo militante no Brasil.<sup>24</sup> Podem-se citar entre elas as obras de Mainwaring<sup>25</sup>, Bruneau<sup>26</sup>, Azzi<sup>27</sup>, Matos<sup>28</sup>. Contudo, a única que versa mais profundamente sobre a atuação dos católicos mineiros – especificamente entre os anos de 1922 e 1936 – no século XX é a obra de Matos. Fruto de sua tese para a obtenção do título de doutor pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, o autor aborda o nascimento da diocese e arquidiocese de Belo Horizonte, o papel do seu primeiro bispo, Dom Antônio dos Santos Cabral (1884-1967), não só na capital mineira, mas também na Igreja brasileira, a ascensão dos leigos no campo político e os diferentes jornais e revistas que foram constituídos a fim de estabelecer uma pastoral mais atuante e presente na esfera pública e, assim sendo, influenciando-a mais marcadamente.

É possível também citar duas importantes obras da história do pensamento católico no Brasil: o famoso e recentemente reeditado *O pensamento católico no*

---

<sup>23</sup> *Nouvelle Theologie* foi o nome dado a um movimento teológico que se desenvolveu nos anos 1940 e 1950 e teve como seus principais representantes Yves Congar, Henri de Lubac, Jean Daniélou, Karl Rahner, Hans Urs von Balthasar, Marie-Dominique Chenu, entre outros, que visaram, a partir de uma retomada dos estudos patrísticos, uma aproximação da Igreja católica dos valores modernos. Por isso, foi fruto de inúmeras contendas, inclusive sendo alvo de uma encíclica de Pio XII de 1950, a polêmica *Humani Generis* (DENZINGER 3875-3899).

<sup>24</sup> É preciso chamar atenção pelo fato de que naquele período ainda era bastante marcante no imaginário católico a noção de “Igreja militante”. Tal idéia marcava a oposição entre aquela Igreja, peregrina e na peleja cotidiana de conseguir mais almas para Cristo, e a “Igreja Triunfante”, aquela junto a Cristo, com seus santos e mártires, já no gozo da visão beatífica na eternidade.

<sup>25</sup> MAINWARING, Scott. **Igreja católica e política no Brasil: 1916-1985**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

<sup>26</sup> BRUNEAU, Thomas C. **Catolicismo brasileiro em época de transição**. São Paulo: Loyola, 1974.

<sup>27</sup> AZZI, Riolando. **A neocrisandade: um projeto restaurador**. São Paulo: Paulus, 1994; \_\_\_\_\_. O movimento brasileiro de reforma católica durante o século XIX. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis, v. 34, f. 135, p. 646-62, 1974; \_\_\_\_\_. Presença da Igreja católica na sociedade brasileira. **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 1-66, 1981.

<sup>28</sup> MATOS, José Henrique C. **Um estudo histórico sobre o catolicismo militante em Minas, entre 1922 e 1936**. Belo Horizonte: O Lutador, 1990.

*Brasil*<sup>29</sup>, de Antonio Carlos Villaça e o *Idéias católicas no Brasil: direções do pensamento católico do Brasil no século XX*<sup>30</sup>, do monge do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro D. Odilão Moura. Ambas realizam um estudo amplo e diacrônico sobre o pensamento católico no Brasil, inclusive, apontando para a figura de João Camillo de Oliveira Torres.

Não seria possível falar de João Camillo e suas idéias sem se referir à história da Igreja no Brasil e, especialmente, em Belo Horizonte. Contudo, nota-se com curiosidade que a história do catolicismo mineiro e belorizontino ainda estão por ser feitas. A bibliografia sobre o tema é ainda limitada e o que existe são obras do próprio João Camillo<sup>31</sup> e a do já citado Frater Henrique Cristiano José Matos. O estudo da trajetória pessoal de João Camillo, ou melhor, poderíamos dizer, a história da trajetória de seu pensamento, apresenta-se como uma interessante oportunidade para se começar a refletir e a desenvolver uma historiografia do catolicismo mineiro mais condizente com sua importância no cenário nacional. É possível citar, a título de exemplo, outros nomes do cenário católico regional que ainda não foram tomados com maior profundidade como objetos de estudo dos historiadores da Igreja do Brasil, como Francisco de Assis Magalhães Gomes<sup>32</sup>, Edgard de Godói da Mata Machado<sup>33</sup>, Lúcio José dos Santos<sup>34</sup>, Joaquim Furtado de Menezes<sup>35</sup>, Olinto Orsini, Artur Versiani Veloso<sup>36</sup>, José Severino

<sup>29</sup> VILLAÇA, Antonio Carlos. **O pensamento católico no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

<sup>30</sup> MOURA, Odilão. **Idéias católicas no Brasil: direções do pensamento católico do Brasil no século XX**. São Paulo: Convício, 1978.

<sup>31</sup> TORRES, João Camillo de Oliveira. **A Igreja de Deus em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Éden, 1972.

<sup>32</sup> Francisco de Assis Magalhães Gomes (1906-1990) nasceu em Ouro Preto e foi um dos maiores físicos que o Brasil já teve. Como católico, destacou-se por ser colaborador do jornal **O Diário**, escrevendo sobre temas políticos e culturais e pela sua participação, com um convite de João Paulo II, no início dos anos 1980, na Comissão Pontifícia imbuída de rever o processo movido pela Igreja no século XVII contra Galileu Galilei.

<sup>33</sup> Edgard de Godói da Mata Machado (1913-1995) foi jornalista, jurista e político. Seu pensamento jurídico baseava-se no jusnaturalismo de base-aristotélico-tomista. Sofreu forte influência de Jacques Maritain, que traduziu algumas obras para o português, Emmanuel Mounier, George Bernanos e Alceu Amoroso Lima. Também colaborou com o jornal **O Diário**.

<sup>34</sup> Mais conhecido como Lúcio dos Santos (1875-1944), formou-se em Engenharia Civil e posteriormente em Direito, lecionou em inúmeras faculdades, além de presença em cargos públicos importantes.

<sup>35</sup> Joaquim Futado de Menezes (1875-data de morte não encontrada) tentou, sem sorte, fundar um partido católico. Decepcionado com a política da Primeira República, resolveu lutar no campo social, trabalhando por muitos anos como vicentino. Formou-se em Engenharia de Minas e Civil (1900) e em Farmácia (1901), ocupando vários cargos comissionados. Foi um dos fundadores do jornal católico mineiro **O Horizonte** e colaborador de **O Diário**.

<sup>36</sup> Nascido em Ouro Preto, em 1906, formou-se em Direito e foi professor universitário em várias escolas superiores de Minas Gerais, lecionando, principalmente, Filosofia e História da Filosofia. Ligado profundamente ao movimento neo-tomista esforçou-se para encontrar pontos de contato entre a filosofia escolástica e o criticismo.

de Resende<sup>37</sup>, o francês George Bernanos<sup>38</sup> e os clérigos que participaram vivamente do movimento católico na capital mineira, como o Pe. Álvaro Negromonte<sup>39</sup> e o Pe. Orlando Vilela<sup>40</sup>.

Nota-se que o campo pelo qual o projeto tem como fundamento teórico-metodológico é o da chamada *história das idéias*. Tal história “remete a textos nos quais os conceitos articulados constituem os agentes históricos primários, vindo a seguir as pessoas dos portadores desses conceitos”.<sup>41</sup> Segundo Robert Darnton, a história das idéias pode ser dividida em quatro tipos: 1. o estudo de um pensamento sistemático, isto é, de idéias propostas em tratados filosóficos; 2. o estudo do pensamento informal, ou seja, estudos de opiniões e movimentos literários; 3. a história social das idéias – estudo de ideologias e difusão das idéias e; 4. história cultural – estudo da cultura, das concepções e visões de mundo (FALCON, 1997).

Mesmo em vista dessa classificação, muitos historiadores preferem atualmente o termo *história intelectual*. Esta linha de interpretação historiográfica teria como escopo remeter “a textos bem mais abrangentes, uma vez que ela inclui as crenças não-articuladas, opiniões amorfas, suposições não-ditas, além é claro, das idéias formalizadas [...] a história intelectual preocupa-se com a articulação desse temas às

---

<sup>37</sup> Um dos principais representantes do tradicionalismo político no Brasil – “corrente de pensamento que, situada no âmbito da filosofia moderna, que assumiu a existência de um sentido na história [...] presente e futuro encontram sua base no passado. A razão humana é insuficiente para dar sentido à vida quando se encontra desvinculada da tradição” (NASCIMENTO, 2008, p. 101). Assim, Severino de Resende acreditava que o futuro do Brasil encontrava-se necessariamente ligada desde seu início à monarquia e à Igreja romana. Também se destacou pela adesão ao neo-tomismo, que teve grande impacto no Brasil a partir da influência de Jacques Maritain, George Bernanos, Paul Claudel, G.K. Chesterton, entre outros.

<sup>38</sup> George Bernanos (1888-1948) nasceu em Paris e é considerado um dos mais importantes literatos franceses do século XX. Escreveu inúmeras obras permeadas de temáticas religiosas como *Sob o sol de Satã*, *Diário de um pároco de aldeia*, *O caminho da cruz das almas*, *Diálogo das carmelitas*, entre outros. Morou em Barbacena (Minas Gerais) entre 1938 e 1945, tendo contatos frequentes com os maiores intelectuais católicos brasileiros naquele contexto. Cf. PORTO, Cristina Francisca de Carvalho. A expressão católica na literatura francesa e brasileira do início do século XX. **Crítica Cultural**. v. 4, n. 1, Junho 2009, p. 29-46; SCHINCARIOL, Marcelo Tadeu. Catolicismo, Romance católico e Literário no contexto da Revista A Ordem. **Revista de Estudos da Religião (REVER)**. N. 4, 2006, p. 96-124.

<sup>39</sup> Álvaro Negromonte (1901-1964), “nordestino, desenvolveu intensa atividade no setor da catequese católica, em Belo Horizonte, e, posteriormente, no Rio de Janeiro. Os seus inúmeros livros testemunham o seu ardor apostólico; neles novos métodos catequéticos, mais atualizados, são descritos” (MOURA, 1978, p. 178)

<sup>40</sup> Orlando Vilela (1914-...) Mineiro, professor universitário e adepto da filosofia de Jacques Maritain. Professor universitário, escreveu inúmeros livros, especialmente sobre a filosofia da arte. “O seu livro *Realidade e Símbolo*, prefaciado por Alceu Amoroso Lima, é de alto valor especulativo, não obstante os hiperbólicos louvores que a pena deste jamais poupa ao julgar aquilo e aqueles dos quais gosta” (MOURA, 1978, p. 179).

<sup>41</sup> C.f. FALCON Francisco. *História das Idéias*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p.93.

suas condições externas [...]”. (FALCON, 1997, p.93) Além do mais, visando inserir o “estudo das idéias e atitudes no conjunto das práticas sociais” (FALCON, 1997, p. 94).

Defendemos que os estudos de atores sociais que tiveram papel na elaboração de um pensamento filosófico e histórico podem ser analisados a partir da denominada *história intelectual*. João Camillo de Oliveira Torres, como intelectual monarquista e católico, sistematiza um pensamento muito peculiar dentro da história política e da Igreja no período e no contexto delimitado pelo estudo.

O seu pensamento é o objeto primeiro deste artigo. Contudo, não é possível desenvolver estudos e interpretações de textos sem referências a seus contextos específicos, nem a formação pessoal de quem os constrói. Dessa forma, o projeto – entendido num longo processo de pesquisa, que não se finaliza exclusivamente com este primeiro artigo – também aponta para a construção de uma biografia de João Camillo como perspectiva metodológica.

De acordo com Levi, houve momentos na historiografia que historiadores achavam ser possível reconstituir a vida de um homem abstraindo de referenciar a fatos históricos. Mais atualmente, alguns acreditavam “que era possível relatar um fato histórico abstraindo-se de qualquer destino individual”. (LEVI, 2002, p. 92-93) Assim sendo, mesmo que o projeto tenha como objeto o pensamento de João Camilo, não é possível abstrair-se de erigir o “em torno” do indivíduo que o constrói. Seria uma “ilusão biográfica”, para utilizar um termo de Pierre Bourdieu, não se concentrar também na conjuntura que nasce aquele pensamento: “é indispensável reconstruir o contexto, a ‘superfície social’ em que age o indivíduo, numa pluralidade de campos, a cada instante” (BOURDIEU, 2002, p. 169).

O estudo proposto não teve como linha mestra metodológica realizar uma “biografia modal” ou prosopografia, isto é, utilizar da trajetória intelectual católica e política de João Camilo com o intuito apenas de “ilustrar formas típicas de comportamento ou status” (BOURDIEU, 2002, p. 175), aqui o do laicato mineiro e brasileiro, que se demonstrava heterogêneo.<sup>42</sup> A abordagem escolhida foi a que preza a trajetória intelectual de João Camillo e o contexto no qual ocorre. Desta forma, a ambiência e a conjuntura na qual o intelectual caminha deverão “ser muito valorizados

---

<sup>42</sup> Exemplo de estudo prosopográfico: BEOZZO, José Oscar. **Padres conciliares brasileiros no Vaticano II: participação e prosopografia – 1959-1965**. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. 2001; BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II (1959-1965)**. São Paulo: Paulinas, 2005.

como fatores capazes de caracterizar uma atmosfera que explicaria a singularidade” (BOURDIEU, 2002, p. 175) de sua trajetória. Como corrobora Le Goff, “que objeto, mais e melhor que uma personagem, cristaliza em torno de si o conjunto de seu meio e o conjunto dos domínios que o historiador traça no campo do saber histórico?” (LE GOFF, 1999, p. 21).

Levi esclarece que neste tipo de abordagem “não se trata de reduzir as condutas a comportamentos-tipos, mas de interpretar as vicissitudes biográficas à luz de um contexto que as torne possíveis” (LEVI, p. 176). Assim sendo, a hipótese central desta abordagem é o seguinte: mesmo que uma vida individual comporte inúmeras originalidades aparentes, ela “não pode ser compreendida unicamente através de seus desvios ou singularidades” (LEVI, p. 176).

Dessa forma, possuindo como premissas estas considerações metodológicas, uma perspectiva que vise construir uma biografia e expor o pensamento de João Camillo deve ter em vista um caminho de mão-dupla: da trajetória individual observa-se o grupo e o contexto; da perspectiva contextual e do grupo compreende-se a biografia e o pensamento particular da personagem em questão. Como demonstra Bourdieu, não é possível “compreender uma trajetória (...) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado (...) ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço” (BOURDIEU, 2002, p. 190).

Assim, deve-se abrir significativamente o leque de estudo, traçando, dessa maneira, círculos concêntricos em torno da personagem com o intuito de captar de forma mais nítida a conjuntura da época de sua atuação e o nascimento de sua reflexão e seus escritos. Como confirma Salgueiro, “seguir o fio itinerário particular de um homem implica em inscrevê-lo num grupo de homens, que, por sua vez, são situados na multiplicidade dos espaços e tempos de trajetórias convergentes” (SALGUEIRO, 1997, p. 14). Pode-se afirmar, portanto, que o caminho sugerido para o desenvolvimento deste artigo foi o da “biografia intelectual”.<sup>43</sup>

## **2. A emergência de um intelectual católico na conjuntura religiosa do Brasil na primeira metade do século XX**

<sup>43</sup> Este termo é utilizado em SALGUEIRO, Heliana Angotti. **Engenheiro Aarão Reis: o progresso como missão**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1997.

João Camillo nasceu em um momento expressivo da história do catolicismo brasileiro. Desde meados do século XIX a Igreja Católica na Europa desenvolvia uma linha centralizadora em vista de se manter viva em seu poder temporal frente aos ataques dos movimentos liberais e revolucionários. Sua atuação foi, marcadamente, a de repelir toda a novidade advinda da chamada modernidade. Como “fortaleza sitiada” (ALBERIGO) a política da Santa Sé caracterizou-se pela negação do mundo que nascia e de isolamento crescente.<sup>44</sup> Esse momento ficou conhecido na historiografia da Igreja católica do século XIX e início do XX como *ultramontanismo*.<sup>45</sup>

Tal política respingou em outras partes do mundo onde a Igreja estava presente. No Brasil, a Igreja vivia em regime de padroado até a queda da monarquia com a proclamação da República em 1889. A Igreja brasileira era tutelada pelo imperador e sua ligação com a Igreja de Roma era meramente formal.<sup>46</sup> Mesmo assim já se sentia os ventos que sopravam de Roma e que buscavam por maior aproximação com suas diretrizes.

Com a nova organização política, marcada pela estrita separação entre religião e Estado, a Igreja brasileira voltou-se para Roma e passou a sofrer ingerências diretas na sua organização. As estruturas eclesiais brasileiras passaram pelo processo denominado *romanização*.<sup>47</sup> A romanização, em consonância com a proclamação da república em 1889 e sua primeira constituição em 1891, que instituiu o Estado laico, levou a Igreja brasileira a uma nova perspectiva. Por um lado, desligou a instituição religiosa do

---

<sup>44</sup> Os documentos eclesiásticos que marcam este período histórico da Igreja católica e que deram o tom antimoderno às suas práticas e posições são: a encíclica *Mirari vos arbitramur* (DENZINGER 2730-2732), de Gregório XVI, *Syllabus errorum modernorum* (DENZINGER 2901-2980), de Pio IX e a encíclica *Pascendi Dominici Gregis* (DENZINGER 3475-3500), de Pio X.

<sup>45</sup> Considerar um católico como ultramontano é situá-lo dentro de um espectro tanto religioso como político. Significa que ele está para além das montanhas, o seja, além dos Alpes. Isto significando que está com o papa em todas as suas decisões. CF VERUCCI, 1988.

<sup>46</sup> Espécie de galicanismo tupiniquim. Sobre o galicanismo cf. MARTINA, Giacomo. **História da Igreja. De Lutero a nossos dias**. v. II. São Paulo: Loyola, 2003.

<sup>47</sup> “Para Bastide, o conceito de ‘romanização’ (embora use a expressão ‘igreja romanizada’) consiste em: 1) a afirmação da autoridade de uma igreja institucional e hierárquica (episcopal) estendendo-se sobre todas as variações populares de catolicismo *folk*; 2) o levante reformista do episcopado, em meado do século XIX, para controlar a doutrina, a fé, as instituições e a educação do clero e do laicato; 3) a dependência cada vez maior, por parte da Igreja brasileira, de padres estrangeiros (europeus), principalmente das Congregações e Ordens missionários, para realizar ‘a transição do catolicismo colonial ao catolicismo universalista, com absoluta rigidez doutrinária e moral’; 4) a busca destes objetivos, independentemente e mesmo contra os interesses políticos locais”. BASTIDE, Roger. Religion and the Church in Brazil, in SMITH, T. L., MARCHANT, A. (Eds.) **Brazil, portrait of half a Continent**. New York, 1951 apud CAVA, Ralph Della. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 12. C.f também SERBIN, Kenneth P. **Padres, celibato e conflito social: uma história da Igreja Católica no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

Estado, acabando, assim, com o regime do padroado, por outro, estabeleceu um maior vínculo com a Igreja universal e centralizada da Roma ultramontana, o que já vinha ocorrendo há alguns anos.<sup>48</sup>

Assim sendo, grande parte dos bispos do Brasil procurou desenvolver, a partir de então, uma pastoral que buscasse inserir os valores cristãos no século, não desejando e combatendo, como a Igreja européia e alguns de seus pensadores, pela restauração da situação na qual o trono estava de braços dados com o altar. Como diz em 1888 Dom Antônio de Macedo Costa, fazia-se urgente “restaurar *moral e religiosamente* o Brasil!” (VILLAÇA, 1975, p. 60). Em vista dessa situação, a Igreja passou a despender suas forças na reconquista de um lugar político de destaque, buscando desenvolver novas formas de influir no espectro público. Da proclamação até a década de 1930, a instituição desenvolveu estratégias políticas e reformas em vários âmbitos a fim de aproximar-se das esferas estatais de poder.

A crise generalizada e contínua que se instalou durante esse período, marcada por manipulações políticas, por corporativismo, pelo coronelismo e por agitações sociais foram vistos pelos católicos como resultado da negação de Deus na Constituição de 1891. Acreditavam que essa situação só poderia ser resolvida com uma reação católica. Como expressa Júlio Maria, a crise no Brasil seria produto de uma crise moral, “resultante da profunda decadência religiosa, desde o antigo regime, das classes dirigentes da nação, e que só pode[ria] ser resolvida por uma reação católica” (MARIA, *apud* MATOS, 1990, p. 20). Disseminava-se entre as camadas do catolicismo brasileiro a idéia de que somente a Igreja, com seu sentido de ordem e obediência, seria capaz de recuperar a dignidade do povo brasileiro como nação e pátria e assim, regenerar a sociedade.

Na primeira década do século XX, esboçava-se, desse modo, uma reação frente às novas demandas. A fim de repelir e combater os erros, os católicos brasileiros entraram “num período de guerra doutrinária, de reação apologética e de afirmação intensa das verdades que devem propagar e, segundo as quais viver” (VILLAÇA, 1975, p. 63). Assim sendo, o tom que perpassou essa reação foi marcado por polêmica, afirmação da doutrina e dos direitos da Igreja, insistência em temas históricos e jurídicos e pouca discussão de temáticas metafísicas. Os católicos que dão o tom dessa

---

<sup>48</sup> Para uma maior compreensão da romanização no contexto do movimento de reforma católica no Brasil oitocentista ver: AZZI, Riolando. O Movimento Brasileiro de reforma Católica durante o Século XIX. *Revista Eclesiástica Brasileira*. v. 34, Fasc. 135, Petrópolis, 1974, p. 646-662.

linha de ação e pensamento foram os convertidos Joaquim Nabuco, Felício dos Santos e o já citado Júlio Maria, os descobridores do *valor teórico do catolicismo*, como prefigura Villaça (1975). Nesse esboço inicial, surgiram os primeiros jornais católicos e realizaram-se os primeiros congressos de leigos (o primeiro na Bahia, em 1900, e, o segundo, no Rio de Janeiro, em 1910) (MOURA, 1978).

Dessa forma, na virada do século os bispos visaram estabelecer novas diretrizes a fim de fazer a Igreja uma instituição mais presente e respeitada no cenário público, já que a maioria da população brasileira considerava-se católico-romana. A marca registrada do período é a famosa carta pastoral de D. Sebastião Leme da Silveira Cintra<sup>49</sup>, bispo de Olinda e Recife, em 1916 que delineava novos caminhos de atuação pastoral.<sup>50</sup>

A grande meta e o dispendioso esforço para D. Leme deveria ser o de penetrar nas principais instituições sociais a fim de imbuí-las do espírito católico. Contudo, é mister ressaltar que a questão da educação, ponto mais debatido entre a Igreja e o Estado nos primeiros quarenta anos da república, não atingia a grande massa da população, que já se encontrava excluída do sistema educacional. Nota-se que a estratégia da Igreja visava não diretamente o povo, mas as elites. Era “estabelecendo uma rede importante de colégios em todo o país que a Igreja conta em cristianizar as elites, para que estas por sua vez ‘cristianizem’ o povo, o Estado, a Legislação”<sup>51</sup> (BEOZZO, 1984, p. 280).

---

<sup>49</sup> Alceu de Amoroso Lima, um dos mais reconhecidos intelectuais católicos do Brasil no século XX, escreveu um sobre D. Leme, comparando-o a Jackson de Figueiredo: “Jackson a via [a Igreja] como um sinal de contradição radical. Dom Leme como um fermento, capaz de levantar a massa por uma ação positiva de penetração lenta. Jackson representava o espírito das Cruzadas. Dom Leme o espírito das Missões” (LIMA, 1971, p. 41). Cf. este e outros inúmeros textos sobre personalidades do cenário público, filosófico e católico em LIMA, Alceu de Amoroso. *Companheiros de viagem*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

<sup>50</sup> Nesse documento pastoral, D. Leme mostrou preocupar-se principalmente com a falta de influência da Igreja na sociedade, em vista da constatação de que a grande maioria dos brasileiros fosse católica. Contudo, acreditava que os católicos não estavam conscientes de suas obrigações religiosas e sociais. Sobre a situação afirmava: “na verdade, os católicos, somos maioria do Brasil e, no entanto, católicos não são os princípios e os órgãos da nossa vida política. Não é católica a lei que nos rege. Da nossa fé prescindem os depositários da autoridade [...] Na engrenagem do Brasil oficial, não vemos uma só manifestação da vida católica (DOM LEME, [s.d.], p. 42). Júlio Maria também deu seu parecer sobre a situação: a principal necessidade das paróquias brasileiras é a doutrinação; mas o nosso púlpito, se ainda fala, isto é, se faz panegíricos e sermões de festa, não ensina. Nas paróquias a maioria dos fiéis não tem idéia clara do que crê e pratica, não conhece o valor do sacrifício da missa; não sabe o que é um sacramento; não discerne as partes da penitência; não conhece senão literalmente o Decálogo...” (MARIA, *apud* TORRES, 1968, p. 178).

<sup>51</sup> Como esclarece Beozzo, “esta mesma questão do ensino religioso nas escolas oficiais não chegava a sensibilizar e mobilizar as classes dominantes pois estas podiam sempre enviar seus filhos e filhas para os colégios de padres e freiras a elas destinados e aí obter sua educação religiosa. Por isso mesmo, as reclamações da Igreja contra o Estado adquirem um caráter mais retórico do que real”. BEOZZO, José

Azzi (1994) denominou esse período a fase da *restauração católica*. A palavra restauração, que passou a ser utilizada pelos bispos brasileiros, fazia referência ao lema do pontificado de Pio XI: *restaurar todas as coisas em Cristo*. O ponto principal da restauração era, segundo Azzi (1994), o esforço para que a fé católica voltasse a ser um dos elementos constitutivos da sociedade brasileira. Essa era a idéia que se disseminava e dominava os círculos católicos do Brasil: fazer dele uma nação orientada explicitamente pelos valores cristãos. Alguns fatos simbólicos exemplificam o período, como a instituição pelo papa Pio XI, em 1925, da Festa de Cristo-Rei, a proclamação de Nossa Senhora Aparecida Conceição a padroeira oficial do Brasil, em 1930, e a inauguração do Cristo Redentor no Corcovado, em 1931.<sup>52</sup> Desse modo, a política que dominou a hierarquia e os leigos nessa fase não era a que desejava reeditar o período da cristandade medieval, mas a de desenvolver uma “forma de elaboração harmônica entre os dois poderes [...] restabelecer um novo tipo de relacionamento entre Igreja e Estado que se caracterize por uma colaboração que respeite a nítida distinção entre a esfera espiritual e a temporal” (AZZI, 1994, p. 32).

A partir das novas perspectivas, a Igreja angariou para seus quadros importantes figuras do laicato pertencentes à classe média em consolidação e à elite brasileira. Estritamente ligados ao controle da hierarquia eclesiástica, surgiram movimentos leigos que mobilizavam milhares de pessoas por todo o País: União Popular (1909), Liga Brasileira das Senhoras Católicas (1910), Aliança Feminina (1919), o Centro Dom Vital (1922), as Congregações Marianas (1924), os Círculos Operários (1930), a Juventude Universitária Católica (1930) e a Ação Católica Brasileira (1935). Além desses movimentos, surgiram centros de estudos teológicos e filosóficos; multiplicaram-se conferências com temáticas religiosas; em 1933, no Rio de Janeiro e no Centro Dom Vital, D. Thomas Keller, futuro Abade do Mosteiro de São Bento, ministrou curso de teologia para leigos, fato até então desconhecido no País; revistas, jornais, editoras e livrarias católicas foram fundadas; nasceram os Institutos de Estudos Superiores e as Universidades Católicas por todo o Brasil (MOURA, 1978).

O instrumento principal que se formou no País a fim de colocar em ação as novas determinações do projeto de *neocristandade* foi a denominada Ação Católica

---

Oscar. **A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização**. In: FAUSTO, Boris (Org.) História Geral da Civilização Brasileira. Tomo III. São Paulo: Difel, 1984, p. 280-281.

<sup>52</sup> Para uma compreensão maior sobre os impactos da instituição da Festa de Cristo-Rei e da inauguração do Cristo Redentor ver: Capítulo 2 de MARQUES, Rita de Cássia. **Da romanização à terceira via: a Igreja no Brasil de 1889 a 1945**. Belo Horizonte, 1995. Dissertação de Mestrado em História, UFMG.

Brasileira, em 1935. Desde o início do século XX, os pontificados estimulavam a criação de associações de leigos. Esse estímulo foi oficializado pela encíclica de Pio XI *Ubi arcano Dei* (1922). Dessa forma, “Pio XI sugeria a instalação de um movimento mundial com ramificações em vários países [...] cuja tarefa seria evangelizar as nações, como uma ‘extensão do braço da hierarquia eclesiástica’” (FLAKSMAN e KORNIS, 1984, p. 511). A organização da Ação Católica no Brasil foi o resultado de dois caminhos que foram colocados em prática por D. Leme desde sua chegada ao Rio de Janeiro em 1921. O primeiro foi o de estimular o movimento entre os intelectuais católicos com o Centro Dom Vital e unificar os diferenciados e dispersos grupos que já existiam. O segundo caminho perpetrado por D. Leme teve seu início com a organização das Associações Católicas do Rio de Janeiro, fundada no final de 1922 e que demonstram ser o germe propriamente dito da Ação Católica no País. A Ação Católica Brasileira “foi formalmente o primeiro programa oficial com um raio de ação nacional, [com] D. Leme [...] seu chefe máximo no país [...]”. (BRUNEAU, 1974, p. 89).

O que é característico no período é o desenvolvimento de uma militância católica intelectualizada muito presente no tecido social. Constituído por um laicato consciente e atuante, essa militância, com nomes como Jackson de Figueiredo<sup>53</sup>, Alceu Amoroso Lima<sup>54</sup>, Gustavo Corção<sup>55</sup>, Plínio Corrêa de Oliveira<sup>56</sup>, entre outros, tiveram integrantes também em Minas Gerais. Dom Antônio dos Santos Cabral, sagrado bispo

---

<sup>53</sup> Alceu Amoroso Lima, que teve contato direto com Jackson, também dedicou algumas páginas de seu livro *Companheiros de viagem* (1971) Dizia: “Amava a luta, a contradição. Era um polemista nato. Um ‘cangaceiro que a Igreja acorrentou’, como chamávamos [...] Baixinho, de chapéu ao alto, bengala na mão, noctívago, amando a conversa de cafés, os boêmios, os vagabundos, os poetas, deu à sua geração de céticos e desencantados, de jovens prematuramente envelhecidos, uma lição de bravura cívica, de amor à verdade, de capacidade de domínio de si mesmo e de revelação da hierarquia natural de valores, com a primazia dos valores sobrenaturais, que nenhum outro pôde dar” (LIMA, 1971, p. 33). Cf também artigo sobre o pensamento de Jackson de Figueiredo: CALDEIRA, Rodrigo Coppe. Os caminhos de um reacionário: Blaise Pascal no pensamento de Jackson de Figueiredo. **História. Debates e Tendências** Passo Fundo, 2010.

<sup>54</sup> MENDES, Cândido. **Dr. Alceu: da persona a pessoa**. São Paulo: Paulinas, 2009; RODRIGUES, Cândido Moreira. **Alceu Amoroso Lima: Matrizes e posições. Um intelectual católico militante em perspectiva histórica (1928 - 1946)**. Tese de doutorado em História. UNESP, 2006.

<sup>55</sup> Cf DE PAULA, Christiane Jalles. **Combatendo o bom combate: política e religião nas crônicas jornalísticas de Gustavo Corção (1953-1976)**. Tese de doutorado em Ciência Política. IUPERJ-Tec, 2007. Acaba de ser publicado um livro com várias crônicas de Corção: HORTA, Luiz Paulo. **Gustavo Corção: Melhores Crônicas**. São Paulo: Global, 2010.

<sup>56</sup> Cf CALDEIRA, Rodrigo Coppe. **O influxo ultramontano no Brasil e o pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora. 2005. Sobre a Associação para a Defesa da Tradição, Família e Propriedade Cf. ZANOTTO, Gizele. **Tradição, Família e Propriedade (TFP): As idiossincrasias de um movimento católico**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. 2007.

de Belo Horizonte em 1922, desempenhou papel importante na promoção do laicato católico. Nomes importantes no estado, que tiveram atuação nas décadas de 1920 e 1930, foram os de Felício dos Santos, Joaquim Furtado de Menezes, Mário de Lima e Júlio Maria de Lombaerde. Nas décadas posteriores presencia-se o incremento desta intelectualidade católica mineira, especialmente em Belo Horizonte, com os já citados Francisco de Assis Magalhães Gomes, Edgard de Godói da Mata Machado, Lúcio José dos Santos, Furtado de Menezes, Olinto Orsini, os padres Álvaro Negromonte e Orlando Vilela, e João Camillo de Oliveira Torres. (MOURA, 1978, p. 180).

A problemática central que o projeto estabeleceu inicialmente consubstanciava-se na seguinte questão: João Camillo de Oliveira Torres nasce em 1915, nos primeiros momentos de cristalização do projeto restaurador. Em 1936, no auge do projeto, com o diálogo cordial entre Igreja e o Estado Novo de Getúlio Vargas, João Camillo já escreve no *O Diário Católico*. A partir destas informações, a primeira pergunta estabeleceu-se da seguinte maneira: quais foram as influências, se elas existiram, desse grande projeto católico de constituição de uma *nova cristandade* teve na construção do pensamento de João Camillo?

### **3. A Igreja de Deus em Belo Horizonte e a emergência de uma intelectualidade católica mineira: o exemplo de João Camillo de Oliveira Torres**

A diocese de Belo Horizonte – relativamente jovem<sup>57</sup> – também sofreu o influxo ultramontano e restaurador que vinha da atuação de D. Sebastião Leme. De fato, como já aventado anteriormente, existe um grande hiato sobre a história do catolicismo na capital mineira e suas fontes ainda não foram ainda estudadas com a devida profundidade a fim de notar em que profundidade aquele projeto de neocristandade alçou suas influências sobre a cidade e seus habitantes.

Podemos referenciar duas obras e um artigo que tratam especificamente do catolicismo em Minas Gerais e em Belo Horizonte: *Um estudo histórico sobre o*

---

<sup>57</sup> A idéia de fundar a diocese de Belo Horizonte começou a germinar por volta de 1914, quando alguns perceberam como natural a sua formação na nova capital mineira. Em 1919 foi constituída a “Comissão do bispado”: Mons. João Martinho de Almeida, Pe. Godofredo Strybos, Pe. Sebastião Pujol, Pe. João Batista Lehman, Dr. Joaquim Furtado de Menezes, Prof. Luís Pessanha, Dr. Benardino Antônio de Lima, Dr. Lúcio José dos Santos, D. João Carlos Vaz de Melo e Campos do Amaral, Senador Gabriel de Oliveira Santos e o Pe. José Simala. A diretoria era composta por Mons. João Martinho, Presidente; Pe. Strybos, Vice; Furtado de Menezes, Tesoureiro; Lúcio dos Santos e Luís Pessanha, Secretários. A comissão especial realizou 17 sessões e em 11 de fevereiro de 1921, o papa Bento XV criou a diocese de Belo Horizonte pela bula *Pastoralis Sollicitudo*. Pela bula de 21 de novembro de 1921, foi designado o bispo de Natal, D. Antônio dos Santos Cabral, para dirigir a nova diocese. Segundo Torres (1972), “o novo bispo partiu para a sua nova e última diocese, a 23 de fevereiro de 1921, tendo permanecido no Rio até abril, tratando de assuntos ligados às suas novas responsabilidades. No dia 16 de abril, publica a sua pastoral ao novo rebanho.” (p. 44). Cf TORRES, 1972.

*catolicismo militante em Minas, entre 1922 e 1936*, de José Henrique Cristiano Matos<sup>58</sup>, *A Igreja de Deus em Belo Horizonte*<sup>59</sup>, do próprio João Camillo de Oliveira Torres e o artigo *Faces e fases da Igreja de Belo Horizonte dos anos 50 aos anos 70*, de Alberto Antoniazzi, que se encontra no livro sobre o bispo D. João Resende Costa, *As veredas de João na barca de Pedro*<sup>60</sup>. Observe-se que apenas o texto de João Camillo visa uma abordagem mais abrangente da história da Igreja na capital mineira, sendo os outros dois trabalhos mais limitados em seu recorte temporal.

De fato, os esforços dirigidos por D. Leme a fim de uma maior participação do discipulado católico na esfera pública também foi sentida em Minas Gerais. À frente da nova diocese de Belo Horizonte, D. Antônio dos Santos Cabral assumiu inteiramente as novas perspectivas da cúpula da Igreja brasileira. Construiu seu palácio em frente ao Palácio da Liberdade – centro do governo do Estado na época – e deu o nome de Cristo-Rei.<sup>61</sup> Tal investida poderia ser considerada como

Toda uma filosofia política: de um lado, ele [D. Cabral] que falava em nome do “Rei que a todos domina”, como dizia a letra do hino do Congresso Eucarístico, estava diante do que era (ou devia ser), expressão da liberdade dos cidadãos: autoridade que vinha de Deus e a autoridade que vinha dos homens. Um sadio triunfalismo, inspirado sem querer em Suarez... (TORRES, 1972, p. 55).

De acordo com Torres (1972), a força da Ação Católica em Belo Horizonte foi sem igual no País. Para o historiador, em poucos lugares se presenciou uma ação laical tão no espírito de Pio XI como na capital mineira. Segundo o historiador, “Maritain, Bernanos, e Bloy<sup>62</sup> eram citados pelos intelectuais católicos e exerciam uma influência como raramente tiveram. Bernanos não era apenas lido: era também escutado, pois, por aqui ele andou, fugindo da podridão da Europa pré-nazista” (TORRES, 1972, p. 55).

Segundo Torres (1972), o grande marco do desenvolvimento desta intelectualidade católica em Belo Horizonte foi a realização do Congresso Eucarístico de 1936. “A preparação foi um modelo de organização, com reuniões de todos os tipos

---

<sup>58</sup> MATOS, José Henrique Cristiano. **Um estudo histórico sobre o catolicismo militante em Minas, entre 1922 e 1936**. Belo Horizonte: O Lutador, 1990.

<sup>59</sup> TORRES, João Camillo de Oliveira. **A Igreja de Deus em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Éden, 1972.

<sup>60</sup> ANTONIAZZI, Alberto; NEVES, Lucília de Almeida; PASSOS, Mauro (orgs.). **As veredas de João na barca de Pedro**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2002, p. 63-141.

<sup>61</sup> A festa de Cristo-Rei foi criada por Pio XI em 1925. Com conotação política, a festa de Cristo-Rei trazia em seu bojo as diretrizes da Igreja ultramontana e reafirmava a realeza de Cristo frente às hostes liberais, tidas como as principais responsáveis da crescente secularização.

<sup>62</sup> Léon Bloy (1846-1917), romancista francês, ensaísta e poeta francês, autodenominava-se o “peregrino do absoluto”, “o mendigo ingrato”.

desde ‘chás’ elegantes, quando senhoras e senhorinhas, de midi-saias, e chapelinhos caídos de lado, organizavam recepções para angariar fundos até reuniões de estudo, atos religiosos, que se fizeram por toda a cidade, a fim de motivar o público” (p.61), afirma o historiador mineiro. A programação se concentrou na centralidade da Eucaristia para a vida da Igreja e a Ação Católica, como principal movimento leigo da Igreja naquele momento. Refletindo sobre os resultados do congresso, Torres (1972) afirmava: “A vida eucarística é excelente até hoje, a Ação Católica de certo modo foi seguindo em geral as mudanças do tempo, mas, foi algo de notável, e, os católicos mineiros, por influência dessa pugna, tornaram-se com base em Maritain, Journet, Karl Adam e outros da melhor qualidade doutrinária” (p. 62).

Para Matos (1990), o ano de 1936 – com a realização do Congresso Eucarístico – seria uma consagração dos novos caminhos seguidos pela Igreja do Brasil com a consolidação do regime republicano, passando-se assim por uma dupla afirmação, interna e externa.<sup>63</sup>

Assim, Minas Gerais como um todo, apresenta-se como um lugar preeminente do processo de reafirmação do catolicismo como força social. A preocupação central de D. Cabral, desde quando chega à capital mineira, é a de trabalhar sistematicamente a fim de constituir um grupo de leigos conscientes e qualificados intelectual e doutrinariamente que pudesse colocar em andamento a penetração dos ideais cristãos na esfera pública como um todo.

Segundo João Camillo (1972), a realização do Congresso Eucarístico em Belo Horizonte causou conseqüências muito positivas para a vida da Igreja na capital. Uma delas foi a enorme empolgação de muitos jovens no período entre as duas guerras, com enormes resultados positivos, como vida eucarística intensa, estudos mais aprofundados da doutrina da Igreja, vários movimentos bíblicos e litúrgicos, grande renovação da vida claustral – inclusive, deve-se citar, a fundação do Mosteiro beneditino de Nossa Senhora das Graças em 1949 e que recebeu inúmeras jovens, inclusive com formação universitária, que desejavam viver contemplativamente, com o qual o próprio João

---

<sup>63</sup> Externamente, a Igreja estava recuperando boa parte de seu prestígio social na sociedade brasileira, sobre tudo após o atendimento quase total das “reivindicações católicas” na Constituição de 1934, manifestando esse seu “triunfo” com a imponente manifestação da vitalidade católica no Congresso Eucarístico de Belo Horizonte; internamente, a Igreja oficial e hierárquica se impõe no conjunto da vida eclesial, mediante uma coordenação centralizada das forças católicas (oficialização da “Ação Católica Brasileira”, 1935) e a promoção de uma espiritualidade centrada na liturgia oficial e no incremento da prática sacramental entre os fiéis, notadamente a eucaristia (MATOS, 1990, p. 310).

Camilo mantinha próximo contato. Além disso, fundou-se *O Diário* e com ele um grupo de intelectuais “de diferentes especialidades, participando de vários movimentos, que, mesmo divergindo politicamente em torno de questões doutrinárias, conservavam certas posições básicas” (TORRES, 1972, p. 68) e a formação da Faculdade Santa Maria, que mais tarde faria parte do que conhecemos atualmente como Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.<sup>64</sup> Os inúmeros grupos de católicos que passaram a estudar as encíclicas e outros documentos do Vaticano despertaram o interesse de muitos para os problemas sociais, levando a uma considerável penetração dos meios católicos em vários meios, como o operário.

Desta forma, a fase que se chama de pré-conciliar – aquela fase das décadas anteriores à realização do Concílio Vaticano II (1962-1965) – será um momento muito característico, não só em Belo Horizonte e no Brasil, mas em todo o mundo. Além da

---

<sup>64</sup> A história que se desenrola até a formação da atual PUC-Minas remonta aos anos 1940. De fato, foi nessa década que foi criada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Maria e que incluía os cursos de Filosofia, História, Letras Clássicas, Letras Neolatinas e Pedagogia. Funcionando primeiramente no Colégio Santa Maria, no bairro Floresta, foi transferido posteriormente para o Palacete Dantas na Praça da Liberdade. É mister citar que em junho de 1948 foram lançados os fundamentos para o estabelecimento de uma sociedade civil, sem fins lucrativos, com a finalidade de dar suporte econômico à nova faculdade – a Sociedade Mineira de Cultura, até hoje a mantenedora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Como visto nesta pesquisa, nos anos 1950, a Igreja do Brasil aprofunda os intensos debates pastorais e teológicos, que desde os anos de 1940 já vinham se consolidando, levando de certa forma, a uma fissura mais profunda no modelo que a marcava, especialmente aquele que se calcava a partir do influxo de D. Sebastião Leme. A Igreja brasileira demonstra-se, naquele momento, dividida entre grupos conservadores, reformadores e progressistas<sup>64</sup>, notadamente com a situação política brasileira – os anos anteriores ao golpe militar de 1964 – e as novas perspectivas eclesiais abertas com a convocação de um concílio ecumênico pelo papa João XXIII – o Concílio Vaticano II (1962-1965), que teve o episcopado brasileiro como o terceiro mais representativo na assembléia. Neste ínterim, o então arcebispo de Belo Horizonte, D. Antônio dos Santos Cabral, sofreu em 1956 um grave acidente cerebral, afastando-o dos trabalhos da arquidiocese. O nome cotado para substituí-lo foi o do bispo coadjutor da capital mineira, D. João Resende Costa, que foi prontamente empossado. Em julho de 1958 é aprovada oficialmente a criação da Universidade Católica de Minas Gerais, integrada pelas seguintes escolas: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Maria, Faculdade de Enfermagem Hugo Werneck, a Escola de Serviço Social de Minas Gerais, a Faculdade Mineira de Direito e a faculdade de Ciências Médicas, tendo como agregada a Escola de Educação Física. Este período da história da Igreja no Brasil será assinalado, como já brevemente citado, pela realização do 21º concílio da catolicidade: o Vaticano II. Desta enorme assembléia emanaram alguns documentos em vista de colocar a Igreja em diálogo com o mundo moderno, visando superar uma lógica de exclusão em voga por mais de um século. Indelévelmente este concílio influenciou nas diversas práticas pastorais por todo o mundo. E em Belo Horizonte não seria diferente. Sobre o influxo das perspectivas conciliares, fundou-se em 1966 dois institutos, um para o Curso de Filosofia e outro para o de Teologia, destinados a receber seminaristas do Seminário Coração Eucarístico (cerca de 60, de várias dioceses) e de 14 seminários religiosos. Em novembro do mesmo ano foi fundado na mesma UCMG (Universidade Católica de Minas Gerais) o Instituto Central de Filosofia e Teologia (ICFT). A partir de 1967 este instituto recebeu alunos, mediante vestibular, e seu curso de graduação em Filosofia – inicialmente integrado com o de Teologia, e posteriormente separado – com seis anos de duração. Alguns fatos importantes ainda nesta década foi o falecimento de Dom Cabral em 1967, o fechamento em 1969 do Seminário Coração Eucarístico e a transferência no mesmo ano das unidades da UCMG para o campus do Coração Eucarístico, tendo a Reitoria iniciado de imediato a construção de novos prédios. A partir 1983, com a elevação da UCMG à categoria de pontifícia, a vida do Instituto é marcada por intensos debates teológicos, especialmente pelos projetos de extensão e produção científica.

presença de grupos conservadores que não aceitam uma transigência da Igreja com os valores da modernidade, e vão lutar contra esta tendência<sup>65</sup> – aqueles formados nos centros romanos, que no período eram assinalados pelo pensamento ultramontano –, o que se nota em toda a primeira metade do século XX é o nascimento de inúmeros movimentos de renovação eclesial.<sup>66</sup>

O próprio João Camillo se expressa sobre a situação da Igreja de Belo Horizonte na fase pré-conciliar, exatamente no ano antes do concílio ser convocado:

A Igreja belo-horizontina apresenta-se de repente numa situação indecisa como que de compasso de espera. Afastado da vida ativa por incapacidade física o venerando arcebispo, designado como coadjutor com direito a sucessão, D. João de Resende Costa e logo depois associando-se a ele como bispo auxiliar, D. Serafim Fernandes de Araújo, a Arquidiocese de Belo Horizonte passou a viver em situação de Regência, durante a qual não se podem tomar iniciativas muito profundas. Enquanto isso, a Igreja universal via também a doença de Pio XII, e a eleição por assim dizer sensacional de João XXIII, tendo assumido o sôlio pontifício o quase desconhecido Cardeal Ângelo Roncalli, de avançada idade, e que adota o nome de João, que desde a Idade Média estava ausente do catálogo dos Papas. E logo viria o Concílio, com suas profundas repercussões em todo o mundo e o desenvolvimento da crise política brasileira até chegar às últimas conseqüências (TORRES, 1972, p. 71).

Passando por fase de transição, tanto o clero como o laicato, sofreram influências de diferentes correntes políticas e religiosas, com seus mais diversos coloridos. Falava-se em “revolução brasileira”, de cunho esquerdista, em reformas de base, *nova teologia*, a ascensão do movimento leigo. Para João Camillo,

Se considerarmos os fatos da política brasileira e as divergências que surgiram entre os católicos e todo o mundo, concluiremos que Belo Horizonte talvez tenha sido um dos lugares em que tais dissensões surgiram mais prematuramente e com maior violência. Houve, realmente, uma tomada de posição consciente a partir de certa época, cada vez mais nítida, entre determinadas linhas de força, quer

<sup>65</sup> Cf. COPPE CALDEIRA, Rodrigo. **Os baluartes da Tradição: o conservadorismo católico brasileiro no Concílio Vaticano II**. Curitiba: CRV, 2011; BUONASORTE, Nicola. **Tra Roma e Lefebvre: il tradizionalismo cattolico italiano e il Concilio Vaticano II**, Roma: Studium, 2003.

<sup>66</sup> O movimento litúrgico, por exemplo, visava tornar o culto mais participativo para os fiéis. Sob a influência direta dos beneditinos, o movimento litúrgico teve grande ampliação e influência nos meios católicos. Segundo Teixeira (1988), o movimento surgiu em 1909, em decorrência do Congresso de Malines na Bélgica. Nessa ocasião D. Lambert Beauduin – um dos expoentes do movimento – apresentou um documento sobre a participação dos fiéis na missa, exortando os sacerdotes a diminuir a distância entre a liturgia celebrada e o povo fiel. Além de Beauduin, outros nomes destacam-se no movimento: D. Guéranger, abade de Solesmes, Giovanni Battista Rossi e Hirscher. O movimento litúrgico teve maior apoio a partir das abadias de Maria Laach e Beuron, na Alemanha, em 1913, com as jornadas litúrgicas universitárias. Nos primeiros anos após a Segunda Grande Guerra, os liturgistas expandiram e consolidaram o movimento, beneficiando-se pelo expressivo desenvolvimento da Ação Católica, que também é considerado um dos movimentos que, a partir da emergência da importância do laicato, terá certa influência nas discussões entre os bispos do Vaticano II.

puramente políticas, quer mais diretamente espirituais, verificando-se, como é natural, casos de pessoas que participavam de movimentos de renovação espiritual, mas evitavam atitudes políticas que os aproximassem das esquerdas e outros fenômenos de *cross-section* muito comuns em épocas conturbadas (TORRES, 1972, p.75-76).

Demonstrando seu posicionamento no pós-concílio, já que a obra *A Igreja de Deus em Belo Horizonte* foi publicada em 1972, um dos períodos mais complexos da fase de implementação das determinações conciliares, João Camillo deixa transparecer o que pensa do concílio. Falando sobre o “triumfalismo” da Igreja romana, que muitos faziam questão de decretar seu falecimento com o Vaticano II <sup>67</sup>, o historiador católico afirmava peremptoriamente:

Não acreditamos no fim do “triumfalismo” e nem vemos mal em sua existência. Toda doutrina que se tem por verdadeira, procura impor-se. E a doutrina cujos adeptos acham que não deve expandir-se e dominar, obviamente é uma doutrina natimorta ou em vias de morrer, pois seus próprios partidários não lhe dão crédito (TORRES, 1972, p. 79).

Além disso, fazendo uma crítica voraz aqueles que acreditavam e defendiam a idéia de que com o Vaticano II a Igreja ultrapassava a dita “era constantiniana”, dizia: “A Igreja Católica [...] não será jamais neutra e desinteressada acerca dos problemas dos homens e podemos afirmar que as relações entre a Igreja e o Estado, com todas as soluções conhecidas, nenhuma exatamente correta, serão difíceis até o último dia” (TORRES, 1972, p. 79). João Camillo falava sobre as grandes demonstrações de fé, criticadas por alguns. Lembra, por sinal, de uma delas, a visita da imagem de Nossa Senhora da Piedade, consagrada pelo papa João XXIII como padroeira de Minas Gerais.<sup>68</sup> Outra grande demonstração de fé das massas foi a chamada Cruzada do Rosário em Família, organizada pelo Pe. Patryck Peyton. Segundo João Camillo (1972),

toda a cidade se movimentou numa longa preparação de orações e trabalho apostólico e numa demonstração final que congregou em praça

<sup>67</sup> Ainda está para ser realizada no Brasil uma reflexão profunda sobre os impactos do Vaticano II em terras tupiniquins. Lendo e relendo uma bibliografia brasileira – que não é extensa – sobre as realizações do concílio, nota-se, quase sempre, uma interpretação unilateral de suas realizações, assinalada por uma hermenêutica da descontinuidade, isto é, um olhar sobre o concílio que só quer ver nele novas realizações, novas posturas da Igreja, nunca o resultado de uma longa duração que marca indelevelmente sua história. De fato, este tipo de interpretação é muito bem quisto e propagandeado, especialmente por grupos progressistas, como aqueles ligados à Teologia da Libertação, que teve grande influência na Igreja brasileira. Como em certa feita minha mestra e professora Lucília Neves uma vez afirmou, a construção da história “é uma articulação, quase sempre marcada por disputas e por tensões, pois a memória e o conhecimento histórico podem servir a diferentes senhores” (DELGADO, 2006, p. 56).

Sobre este debate, que no Brasil, ainda engatinha cf. COPPE CALDEIRA, Rodrigo. Reflexões acerca da continuidade e descontinuidade no Vaticano II: possibilidades de análise. **Revista de Cultura Teológica**. v. 3, p. 1-13, 2008.

<sup>68</sup> O documento da consagração pode ser lido em TORRES, 1972, p. 81.

pública a maior multidão jamais vista em cerimônias religiosas anteriores – mais de 300.000 pessoas – houve a recitação do terço, a pregação do Pe. Peyton e a Missa com a participação de todas as Autoridades e de toda classe de pessoas (p. 82).

Aqui é interessante citar a crise do Seminário Coração Eucarístico na década de 1950 como exemplo de como os ânimos se encontravam.<sup>69</sup> Fora a crise econômica, que não interessa particularmente a esta pesquisa, a crise era embalada por questionamentos políticos e teológicos. Com a visita do mons. Mário Ginetti, assistente da Sagrada Congregação para os Seminários para a América do Sul, que embora não se encontrava na capital em missão oficial, sugeriu várias medidas relativas aos seminários. O reitor do seminário, em documento escrito, não cita as referidas medidas, mas se vê obrigado a manifestar seu posicionamento:

Assim foram feitas acusações ao Reitor:

- de não se manter neutro entre as duas correntes que se debatiam (ou debatem) nesta casa; como provas, a presença de Pe. Orlando Vilela no dia 31 de maio para *falar sobre Maritain*, e a de Pe. Orlando Machado no dia 9 de agosto.

- É bom esclarecer que esses sacerdotes foram convidados pelos alunos, o reitor não se julgou com direito de impedi-los, uma vez que têm uso de ordens na Arquidiocese e merecem confiança do Arcebispo Metropolitano.

- O Reitor alimenta idéias avançadas em liturgia e Ação Católica, partilhando-as com certo sacerdote afastado do Seminário há alguns anos; prova: no dia 31 de maio, dia de N. S. Medianeira, promoveu festa de Sto. Tomás de Aquino, chamando ainda um sacerdote suspeito para *falar acintosamente de Maritain*.

Entenda quem puder e quiser. Posso declarar que nunca li um livro inteiro de Maritain, nem alimento nenhum entusiasmo por esse discutido escritor. Em Ação Católica oriento-me pelo pensamento do Emmo. Cardeal Motta, que me fez assistente geral da A.C. em São Paulo. Quanto à devoção à Virgem Sma., declarei a mons. Ginetti, se ela consiste em distribuir solenemente bolos e doces aos seminaristas que maior número de terços rezarem em certos dias, e em coisas semelhantes, sou mesmo muito suspeito [...] Este é um exemplo de certas coisas que ocorrem no seminário e que lhe dão, às vezes, para quem examina, um “ar de manicômio” na expressão de mons. Ginetti. Do trato com mons. Ginetti ficou-nos tratar-se de pessoa inteligente e reta, que conseguiu apreender bem a situação e depôs os preconceitos que trazia de Roma e da Capital da República (Livro do Tombo SCE, v. I, f. 136/b apud ANTONIAZZI, ... p. 67-68. *Grifo deste pesquisador*).

<sup>69</sup> Sobre a presença do clero no Brasil cf. SERBIN, Kenneth. **Padres, celibato e conflito social: Uma história da Igreja católica no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. Sobre a situação dos seminários entre a década de 1930 e o pós-concílio cf. SERBIN, Kenneth. Os seminários: crise, experiências e síntese. In: SANCHIS, Pierre. **Catolicismo: modernidade e tradição**. São Paulo: Loyola, 1992.

Nota-se como a obra de Jacques Maritain, ainda na década de 1950, causava espécie nos ambientes católicos.<sup>70</sup> Entre os historiadores da Igreja católica no Brasil corre uma idéia de que a chegada no País da obra *Humanismo Integral*<sup>71</sup>, do filósofo francês, em meados da década de 1930, abriu certas fissuras no catolicismo brasileiro ou mesmo o marco inicial de uma cisão que jamais se recuperaria (MAINWARING). Esta obra trazia novas formas de se compreender o papel da Igreja nos Estados democráticos, apresentando novas possibilidades de relações entre a instituição religiosa e os Estados modernos, o que levou aqueles que acreditavam que apenas a monarquia fosse o regime político ideal do catolicismo<sup>72</sup> a reagirem violentamente contra Maritain e todos aqueles que o admiravam.<sup>73</sup> Como não poderia ser diferente, o clero belo-horizontino e o Seminário também se encontravam divididos.

De acordo com João Camillo (1972), nos anos antes da convocação do concílio era possível presenciar em Belo Horizonte uma gama de iniciativas litúrgicas “bastante ousadas, mas estritamente ortodoxas” (p. 121). Apenas alguns, segundo o historiador, caíram no radicalismo e a “situação geral não se apresentou, nunca muito confusa e com sinais anormais de desorientação” (p. 121), o que Antoniazzi (2002), parece, não concordar na medida em que traz em seu artigo algumas dessas divisões na igreja pré-conciliar belo-horizontina.

Refletindo sobre a atuação dos leigos da capital mineira, isto é, da Ação Católica, João Camillo afirmava que “a grande margem de iniciativa dos elementos fora da hierarquia, suas atitudes por vezes de grande ousadia, mostram que o clero de Belo horizonte nunca se preocupou em tutelar os leigos”. E completa: “isto não seria possível

---

<sup>70</sup> D. Geraldo de Proença Sigaud, bispo de Diamantina e um dos principais nomes do conservadorismo católico brasileiro, afirmava na consulta feita aos bispos de todo o mundo sobre o que o Concílio Vaticano II deveria tratar: “Outra condenação muito necessária é a condenação de Maritain. Seus erros causaram danos gravíssimos à Igreja, de modo particular na América Latina. O clero jovem está por eles infestado. Os danos dos erros do partido da “Democracia Cristã” provêm das idéias de Maritain. Diz-se que as agitações políticas na América são realizadas pelos seus discípulos. Os católicos dizem: O Vaticano aprova Maritain, pois ele foi o Embaixador da França junto à Santa Sé. Há bispos que se declaram “maritainistas”. Nas Universidades Católicas do Brasil predominam suas doutrinas. Roma, entretanto, cala-se” (*apud* BEOCVII, p. 110-111).

<sup>71</sup> MARITAIN, Jacques. **Humanismo Integral. Uma visão nova da ordem cristã**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

<sup>72</sup> Com a condenação da *Action Française* – um movimento ultranacionalista, fundado por Charles Maurras – por Pio XI em 1922, abre-se as portas para que as forças mais progressistas – ou seja, à esquerda do espectro político – da Igreja pudessem se desenvolver com mais liberdade.

<sup>73</sup> Foi o caso do grupo do *O Legionário* – a futura *Associação para a Defesa da Tradição, Família e Propriedade*, cujo fundador foi Plínio Corrêa de Oliveira –, que ligaram os maritainistas brasileiros ao movimento litúrgico, que viam com grande desconfiança. Cf COPPE CALDEIRA, Rodrigo. **Os baluartes da Tradição: o conservadorismo católico brasileiro no Concílio Vaticano II**. Curitiba: CRV, 2011.

sem um certo espírito de abertura do clero que não se sentiu nunca melindrado ao ver leigos discutindo temas doutrinários e tomando iniciativas diversas” (TORRES, 1972, p. 122). Para o historiador católico, tal “espírito de abertura” foi uma marca da vida religiosa de Belo Horizonte, tanto pré-conciliar quanto pós-conciliar.

Os nomes do clero que tiveram destaque na fase pré-conciliar, especificamente nos anos de 1950, foram – alguns já citados anteriormente – Pe. Álvaro Negromonte, Pe. Agnaldo Leal (questão social e litúrgica), Pe. Willian Silva (questão social), Pe. Alexandre Gonçalves de Amaral (primeira renovação tomista), Pe. Orlando Machado (teologia), Pe. Orlando Vilela (como discípulo de Maritain e filósofo da arte), Pe. Ari de Freitas (fundador de uma escola de líderes operários), Pe. Lima Vaz (filosofia), Pe. Luiz Viegas, Pe. Clóvis de Souza e Silva (um dos fundadores da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais), mons. José Augusto Dias Bicalho (administração da cúria), Pe. Álvaro Negromonte (renovação catequética).

A organização oficial do laicato na capital, que mantinha viva a tradição das confrarias coloniais caracterizava-se, segundo João Camillo (1972), por vivacidade e eficiência e pela sua variedade. Para o historiador, a orientação da Ação Católica de Belo Horizonte poderia ser fixada em oito pontos básicos:

- a) A doutrina do Corpo Místico como fundamento da visão cristocêntrica do mundo e como regra de ação – se todos somos membros do Corpo Místico, se nosso dever é continuar o Cristo, todas as coisas são iluminadas à luz dessa doutrina, a História é reflexo dessa continuidade do Cristo nas atividades humanas e cada homem se apresenta diante de nós como outro Cristo;
- b) Uma piedade essencialmente litúrgica, considerando o caráter eclesial, não individual da prece, que é da *Lex orandi* da Igreja – “rezar com a Igreja”, não apenas rezar particularmente, o que tem méritos infinitos, mas não é tudo;
- c) Base doutrinária atualizada, não somente em teologia como em filosofia, em doutrina social etc;
- d) Abertura ampla para as questões sociais modernas, consideradas à luz da doutrina católica e procurando soluções nela inspiradas;
- e) Participação nas atividades temporais, como cristão, mas sem comprometer a Igreja – “A Ação Católica fora e acima da política”, repetia constantemente D. Cabral;
- f) Apostolado no ambiente, não em forma de pregações ou discussões imprudentes, mas pela revelação, em sua vida particular e pública, da vivência do cristianismo e sempre que possível, realizar movimentos (Páscoa de repartição, por exemplo) ou dizer a palavra certa na hora certa;
- g) Vida religiosa autêntica, mas saudável, natural e humana, de modo que se evitassem dois males antigos, o do católico liberal, de religião puramente de “fôro íntimo”, que na vida profissional adotava outra escala de valores, ou, então, o homem piedoso, que não admitia nada e vivia como que fora da realidade – o cristão é um homem

normal, que aplica os princípios na vida doméstica ou profissional, conscientemente, mas sem quebrar a natureza, antes demonstrando que o bom cristão é o bom cidadão;

h) Afinal, não comprometendo os movimentos oficiais com a política: o militante da AC não é militante político, mas ao homem de vocação política, cumpre realizá-la dentro dos princípios cristãos (TORRES, 1972, p. 137-138)

É mister citar que outros movimentos católicos também se fizeram presente na capital mineira.<sup>74</sup> Tivemos também a presença das ordens terceiras clássicas, de S. Francisco, de Nossa Senhora do Carmo e de S. Domingos; as Congregações Marianas e as Filhas de Maria, duas clássicas associações religiosas que tiveram grande influência nas décadas de 1930 e 1940.<sup>75</sup> Além disso, também se fizeram presentes o Apostolado da Oração e outras organizações mais próximos da mentalidade moderna, como os Círculos Operários e o Movimento Familiar Cristão (MFC).

Outro fator importante do cenário religioso de Belo Horizonte é aquele pelo qual João Camillo se expressava e que demonstrou certa força nas primeiras décadas da história da Igreja na cidade: o apostolado da cultura, especialmente a imprensa e os meios de comunicação de massa. Em Minas sempre se notou a presença de uma imprensa diocesana, como por exemplo, a *Estrela Polar* de Diamantina, o *Lar Católico* de Juiz de Fora, além de que os primeiros livros mineiros estavam ligados à religião, como *O Triunfo Eucarístico* e o *Áureo Trono Episcopal* e as experiências tipográficas mais antigas no estado estarem ligadas ao nome do Pe. Viegas de Menezes. (TORRES, 1972).

João Camillo divide a história do jornalismo católico em Belo Horizonte em fases: a) fase inicial, antes de *O Diário*, b) a fase propriamente da edição *O Diário*. Na primeira fase observa-se a existência de boletins, como *O Sino de S. José*, e o desenvolvimento de uma experiência de imprensa católica com o jornal *O Horizonte*,

<sup>74</sup> Os principais nomes da Ação Católica em Belo Horizonte, destacado por João Camillo, eram: Dr. Roberto de Almeida Cunha (Homens da AC), D. Marisa Luisa de Almeida Cunha (Liga Feminina da AC), Dr. Rossini Carvalho Teixeira (Juventude Católica Brasileira), Maria de Lourdes Ribeiro de Oliveira (Juventude Feminina da AC), na ocasião, D. Luzia, abadessa da Abadia de Nossa Senhora das Graças de Belo Horizonte, Pe. Flávio d'Amato (assistente eclesiástico).

<sup>75</sup> Segundo João Camillo (1972), a "Congregação Mariana foi prejudicada, ademais, por força de uma identificação que rapidamente se difundiu, entre esse movimento e o da TFP [Tradição, Família e Propriedade] que usa distintivo semelhante ao que antigamente adotavam os congregados, muita gente, com isso, acreditando que os rapazes do leão vermelho são congregados marianos. Não foi uma confusão útil aos marianos propriamente ditos que estão em Belo Horizonte desde 1933 e representaram a oportunidade de um movimento de jovens, de muita valia numa época determinada" (p. 140). Sobre a TFP cf. ZANOTTO, Gizele. **Tradição, Família e Propriedade (TFP): as idiosincrasias de um movimento católico**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. 2007.

jornal de poucas páginas, com raras notícias e estilo mais literário que jornalístico e que tinha intuito maior de debater idéias, não necessariamente informar. Saiu pela primeira vez em abril de 1923 com artigo de Lúcio dos Santos. Era tido como “valente e brigão, com artigos doutrinários de todos os tipos, contra protestantes, comunistas, maçons etc. os nomes principais dos colaboradores eram Lúcio dos Santos, Olinto Orsini, Mário de Lima, Carlos Góis e Pe. Álvaro Negromonte, um dos colaboradores mais assíduos.

A segunda fase foi a da publicação do *O Diário* e foi perpassada por inúmeras polêmicas. Por recomendações de Pio XI, que passava a entender os meios de comunicação de massa como instrumentos da obra evangelizadora – foi ele que criou a Rádio Vaticano – D. Cabral fundou o jornal: “um jornal tecnicamente realizado feito por profissionais, que tivesse as mesmas seções que os demais, e cuja linha católica se patentearia no conteúdo e, não na apresentação. Isto é, um jornal cujas páginas de comentários e artigos [...] teriam colaboradores católicos e emitiriam conceitos dentro da doutrina da Igreja” (TORRES, 1972, p. 155).

Segundo João Camillo (1972), foi em torno do jornal, e também da Universidade Católica, que surgiu um grupo de intelectuais “decisivos” que, influenciado “pelos famosos ‘grandes convertidos’ como Maritain, Bernanos, Claudel, Chesterton <sup>76</sup> e, no Brasil, obviamente por Tristão de Ataíde [Alceu Amoroso Lima]” (TORRES, 1972, p. 172). Ainda de acordo com o historiador mineiro, esse grupo – de que o próprio também fazia parte – era caracterizado pelas seguintes linhas-mestras: “fidelidade consciente à palavra da Igreja, na medida do possível, fidelidade quase sempre mantida, mesmo quando houve diversidades de interpretação; consciência da necessidade de renovação e atualização, mantida porém uma real, embora não muito acentuada por vezes, fidelidade à tradição” (TORRES, 1972, p. 173). Os principais nomes que se congregavam em torno do jornal eram: Oscar Mendes (crítico-literário), Aires da Mata Machado Filho (filólogo), Francisco de Assis Magalhães Gomes (físico e filósofo), Maria Luísa de Almeida Cunha (teve posição de liderança na AC e na chamada “renovação pedagógica”), Guilhermino César (literato), Lara Rezende (em São João Del-Rei) e Henrique Hargraves (em Juiz de Fora). Da chamada “geração de 1945” destacam-se Edgard de Godói da Mata Machado (discípulo de Maritain e preocupado com questões

---

<sup>76</sup> G. K. Chesterton (1874-1936), inglês, foi escritor, poeta, ensaísta, jornalista, historiador, biógrafo e filósofo. Entre outras obras de grande importância para se entender a passagem do século XIX para o XX, o livro *Ortodoxia* foi um dos que alcançaram mais sucesso. Reeditado em edição comemorativa dos cem anos de sua primeira publicação: CHESTERTON, G.K. *Ortodoxia*. São Paulo: Mundo-cristão, 2008.

que envolvem a Filosofia do Direito), Armando Más Leite, Cid Rebelo Horta, João Etienne Filho (crítico e historiador literário), Michel Ahouagi (economista, especialista em Bernanos e ligado aos movimentos bíblicos e litúrgicos), Halley Alves Bessa (buscava construir a versão cristã da psiquiatria moderna), Antônio Augusto de Mello Cansado (educador, latinista e autoridade em história do direito), Bolívar de Freitas (sindicalismo cristão), Paulo de Oliveira (sindicalismo cristão), Rossini carvalho Teixeira (um dos fundadores da Ação católica na parte da juventude masculina) (TORRES, 1972). É preciso notar que fora a presença constante das reflexões de Maritain e Chesterton – dominantes nos meios intelectuais católicos de Minas Gerais –, outros buscavam nas obras de ulteriores intelectuais – menos afeitos ao movimento neo-escolástico – as referências para colocar a doutrina católica em diálogo com o mundo moderno, como Teilhard de Chardin, Max Scheler, Francisco Suarez e Duns Scoto. Entre estes se encontrava João Camillo de Oliveira Torres.

#### **4. João Camillo de Oliveira Torres: alguns aspectos de seu pensamento a partir de seus escritos**

Na sua breve autobiografia de 1976<sup>77</sup>, João Camillo apresenta a estrutura de seu pensamento. Os dois pontos que chamaram atenção foram aqueles que se referem à política e à teologia:

Politicamente: com base na teoria suareziana do *Consensus*, uma doutrina de democracia contratual (*pactum subjectionis*) que funda as nações, criando legitimidades objetivas que não podem ser rompidas. Organização do Estado na distinção entre a chefia do estado (Poder Moderador) e a do governo (Poder Executivo e direção da elaboração legislativa: tomada de decisões sobre os objetivos atuais da política) [...] Teologicamente: atitude otimista em face das realidades terrestres, de caráter antijansenista, considerando a Encarnação como o fim da Criação, na linha Escoto-Teilhardiana, a Queda e o que dela se seguiu, como acidental (grifo deste pesquisador) (LADUSÃNS, 1976, p. 346).

O intelectual possui uma bem definida abordagem político-religiosa e a constrói a partir das referências que ele mesmo cita. A partir delas, e dos dados que foram colhidos pela pesquisa de seu arquivo pessoal e de seus escritos, é possível construir uma espécie de radiografia do pensamento de João Camilo de Oliveira Torres. Partindo da chamada *História das Idéias* ou *História Intelectual* realizou-se um trabalho de investigação que visou trazer à luz personagem de destaque da história de Minas Gerais

<sup>77</sup> Neste livro se encontram inúmeras autobiografias dos pensadores mais importantes do Brasil: LADUSÃNS, S. **Rumos da filosofia atual no Brasil em auto-retratos**. São Paulo: Loyola, 1976.

e do catolicismo mineiro e brasileiro e que ainda não foi objeto de estudos mais profundos e acurados.

É mister dizer que a pesquisa, inicialmente, teve duas frentes de trabalho, o que também causou algumas dificuldades, na medida em que a atenção do pesquisador dividiu-se – mesmo que tendo como objeto as influências sofridas por João Camillo – em buscar compreender a conjuntura político-religiosa do historiador e estudar aqueles pensadores que, como hipótese, influenciaram sua reflexão.

Dessa forma, como toda pesquisa esbarra em, por exemplo, amplitude ou falta de fontes, em tempo de execução e pessoal preparado para a sua realização, decidiu-se por concentrar, nesse primeiro momento, nas influências sofridas por João Camillo e alguns de seus posicionamentos filosóficos e teológicos daquele período denominado geralmente pela historiografia de pré-concílio, isto é, os anos anteriores do início do Concílio Vaticano II (1962-1965).

Desta forma, a problemática proposta neste projeto pautou-se pela pergunta sobre as influências sofridas por João Camillo na constituição de um pensamento político-ideológico que se expressava em seus inúmeros escritos. Entre todas as suas obras completas e incompletas, a que chama mais atenção é sem dúvida a sua *Teoria Geral da História* (1963).

João Camillo, nesta obra, trata de um dos problemas mais importantes para seu tempo, a História. A compreensão da dimensão histórica na constituição da cultura, como uma dimensão humana central em sua própria auto-compreensão – e toda a discussão teológica que havia suscitado a obra de Henri De Lubac, *Surnaturel*, que, entre outros pontos, discutia as relações entre a imanência e a transcendência, e o pensamento de Teilhard de Chardin que defendia “um poder espiritual da matéria”<sup>78</sup> – fazia se sentir por todos os lados, inclusive da Igreja romana. Os ventos que sopram sobre a barca de Pedro, o “ar primaveril” de que falava João XXIII, esbanjando esperança com os rumos do cristianismo ao convocar um concílio ecumênico<sup>79</sup>,

---

<sup>78</sup> Cf. ARCHANJO, José Luiz (org.) Teilhard de Chardin. **Mundo, Homem e Deus**. Textos selecionados. São Paulo: Cultrix, s/d, p. 205-216.

<sup>79</sup> Aqui, a noção de “ecumênico” não tem que ver com o movimento ecumênico atual. Como demonstra Jedin (1961), essa noção diz respeito “que uma parte essencial do episcopado universal esteve presente nestes concílios e que suas resoluções foram endossadas pela Igreja Universal, respectivamente confirmadas pelos Papas” (p. 9). Os concílios Ecumênicos foram: Niceia I (325), Constantinopla (381), Éfeso (431), Calcedônia (451), Constantinopla II (553), Constantinopla III (680/81), Niceia II (787), Constantinopla IV (869/70), Latrão I (1123), Latrão II (1139), Latrão III (1179), Latrão IV (1215), Lião I (1245), Lião II (1274), Vienne (1311/12), Constança (1414/18), Basileia-Ferrara-Florença (1431), Latrão V (1512/17), Trento (1545/63), Vaticano I (1869/70), Vaticano II (1962/65).

também traziam uma compreensão que afirmava a história como dimensão escatológica.<sup>80</sup>

Neste momento da pesquisa não foi possível desenvolver uma análise aprofundada da obra discutida. Contudo, a partir de alguns elementos nela presentes e dos estudos de vários documentos pessoais de João Camillo, foi possível realizar algumas primeiras pontes entre sua reflexão e o seu entorno filosófico. Pode-se ver, assim, que na segunda parte desta obra, especialmente, o historiador deixa transparecer claramente as suas perspectivas filosófico-teológicas. Tendo em vista as indicações de Ladusâns (1976) de que, teologicamente, João Camillo demonstrou uma “atitude otimista em face das realidades terrestres, de caráter antijansenista, considerando a Encarnação como o fim da Criação, na linha Escoto-Teilhardiana, a Queda e o que dela se seguiu, como acidental” (p. 346). Além de Ladusâns, Moura (1978) e, especialmente Campos (1998), apresentam perspectiva semelhante, ao afirmar que, mesmo se declarando tomista, João Camillo parecia sofrer influências alheias em Tomás de Aquino, “sobretudo a de Duns Scoto<sup>81</sup>, fato este que leva a ver, em sua filosofia, um certo ecletismo” (CAMPOS, 1998, p. 146). De fato, parece que o historiador católico não segue linha de pensamento filosófico única, mas congrega várias influências de inúmeras escolas de pensamento em suas reflexões.

Pode-se citar como exemplo o fato de que certa perspectiva hermenêutica pode ser encontrada em sua reflexão ao entender que o problema fundamental de seu tempo é a história. Por isso seu afastamento do tomismo, já que este, segundo o próprio historiador mineiro, “sempre demonstrou sensível repugnância pelos problemas de nosso tempo e de História... Para os tomistas, há o ser estático e imóvel, nunca o ser, em transformação, na história. (...) (Assim), filosofia da História, estritamente tomista, é rigorosamente impensável” (TORRES, 1968, p. 321).

Com o intuito de defender suas posições teóricas, num de seus escritos afirma em tom de polêmica:

O fato de um teólogo bem visto aos olhos de certos órgãos ensinarem algo e os mais repetirem, isso não quer dizer sempre, o pensamento da Igreja. Digamos, Santo Tomás goza de uma posição mercedosamente privilegiada. Mas, isso não quer dizer que a interpretação tomista da doutrina segundo certas correntes (a linha de Salamanca, à qual se filia

<sup>80</sup> Cf. as Constituições Dogmáticas promulgadas pelos padres conciliares *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes* (DENZINGER 4001-4345).

<sup>81</sup> Sobre um dos temas importantes das reflexões de Duns Scoto cf. TAVARES, Sinivaldo Silva. O primado universal de Cristo na teologia de Duns Scoto. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Fasc. 241, março, 2001, p. 114-150.

---

exatamente Maritain) seja a verdade e os demais (Suárez, por exemplo) heréticos [...] Eles não são hereges e estão talvez mais próximos da verdade que os tomistas de Salamanca (Caixa 5, Pasta 2/ 3 pgs).

As dificuldades, dessa forma, para inserir o pensamento de João Camillo em conceitos como *progressista*, *conservador*<sup>82</sup>, ou algo que o valha, demonstra sua potencial fragilidade. De fato, João Camillo, mesmo se considerando um conservador (LADUSÂNS, 1976) – na política, é preciso lembrar –, caminha numa linha eclética, em que, por um lado, defende a monarquia constitucional (veja sua obra seminal *A democracia coroada*), lê Jacques Maritain – considerado pelos conservadores católicos como Plínio Corrêa de Oliveira como um progressista, um dos maiores males da Igreja do século XX – e preza o pensamento de Duns Escoto e Teilhard de Chardin, nomes que influenciaram, como é sabido, muitos padres da dita *ala liberal* no Concílio Vaticano II – e o último levantou inúmeras suspeitas de *modernismo*<sup>83</sup> para o Vaticano. Não deixa de ser correto afirmar, por outro lado, que João Camillo é conservador em política e avançado em teologia. Para ele, preocupado em agir frente às intempéries do mundo moderno, “uma visão de vida cristã e pragmatista, como a que nasce das lições de Duns Escoto e Teilhard de Chardin será um fator decisivo pelo fato de apresentar os instrumentos e os motivos para a ação” (TORRES, 1968, p. 324).

Na sua compilação de seus textos jornalísticos, uma homenagem *post-mortem* organizada pela família – *O homem interino*<sup>84</sup> – João Camillo visa deixar bem claro, no artigo *Sou um conservador*, as perspectivas que assume em face de algumas questões. No início de seu artigo afirma:

Da primeira vez que um jornal disse que sou um cidadão conservador, a idéia surpreendeu-me, mas não me chocou. Fiquei até muito honrado [...] Depois, a natureza é conservadora. Como se desdobra para conservar a vida! ...Se Darwin tem razão, a evolução é um processo de conservação e de fundo aristocrático: sobrevivência dos mais capazes. Aliás, o escritor austríaco Kulhnet-Ledin me dizia, a respeito de Teilhard de Chardin, de cujo irmão é íntimo amigo, que o evolucionismo é essencialmente aristocrático (TORRES, 1998, p. 165).

Mais a frente vaticina:

---

<sup>82</sup> Para uma primeira abordagem dos dois conceitos cf MANNHEIM, Karl. O significado do conservantismo. In: FORACCHI, Marialice M. *Mannheim*. São Paulo: Ática, 1982.

<sup>83</sup> A pior de todas as heresias, segundo Pio X, aja visto que para este papa – que cunhou o conceito de modernismo, que depois foi utilizado pelas artes e literatura (LE GOFF, 2003) – ele era a união de todas as heresias. Cf. a encíclica *Pascendi Dominici Gregis* de 1907 (DENZINGER, 3475-3500).

<sup>84</sup> TORRES, João Camillo de Oliveira. *O homem interino*. Belo Horizonte: s/e, 1998. Nos Arquivos do Centro de Memória-PUC-Minas encontra-se alguns dos artigos que foram publicados neste livro. Inclusive este que passo a citar.

Talvez seja um conservador: alegro-me pelas construções, entristeço-me pelas demolições [...] Dizer que “tudo vai mal” me parece perder tempo, prefiro dizer como devemos fazer para que tudo vá bem. Sou, pois, um conservador, não há dúvida alguma. Mas, se considerarmos o conteúdo de minhas idéias, seria realmente um conservador? [...] Ou quem sabe, sou um verdadeiro conservador, isto é, aquele que procura manter a continuidade e a vida, assim conseguindo o progresso? (TORRES, 1998, p. 166).

Neste ponto do texto, João Camillo visa levar o leitor a um próprio questionamento sobre a categoria “conservador” a partir da pontuação de várias de suas reflexões e suas bases histórico-filosóficas. No primeiro ponto aborda questões religiosas e trata, interessantemente, das influências recebidas de Chardin e Escoto e do Vaticano II<sup>85</sup> e, sem saber, avança na reflexão que seria cara atualmente ao papa Bento XVI, no que se refere à hermenêutica do concílio:<sup>86</sup>

[...] tenho apoiado os movimentos de renovação litúrgica, bíblica, etc. E isto muito antes do concílio. Quando havia um problema Maritain, eu era considerado “maritainista”. Fui dos primeiros, neste país, a falar em Teilhard de Chardin, que cito copiosamente na *Teoria Geral da História*. E agora que se esboça uma redescoberta de Duns Escoto, cuja influência no concílio está sendo considerada por muita gente como importante não é de hoje que me preocupo com o assunto. É claro que estou na linha do papa: *o concílio veio renovar, não revolucionar. Talvez seja esta a verdadeira posição conservadora* (grifo deste pesquisador) (TORRES, 1998, p. 166).

Alguns pontos chamam a atenção nessa primeira reflexão sobre a filiação conservadora de João Camillo. O primeiro diz respeito à questão das polêmicas em torno da obra de Maritain no Brasil, tratado no tópico passado. O segundo ponto diz respeito à influência de Teilhard de Chardin sob as reflexões de João Camillo. Chardin, condenado por suas obras pela Sagrada Congregação do Santo Ofício, do polêmico

<sup>85</sup> João Camillo não poderia ser inserido facilmente nas categorias típico-ideais “conservador” e “progressista”. Se fossemos ler sua obra nestas chaves, particularmente a sua perspectiva teológica baseada em uma visão otimista do homem e num cristocentrismo teilhardiano, seu pensamento estaria claramente ligado ao pensamento mais aberto que conseguiu embalar o Vaticano II em vários momentos de seus debates. O próprio historiador afirma em seu **História das idéias religiosas no Brasil**, que “o mestre franciscano (Duns Escoto) estava entre as grandes influências conciliares” (TORRES, 1968, p. 320).

<sup>86</sup> Cf. Discurso do papa Bento XVI aos cardeais no Natal de 2005. Cf. também COPPE CALDEIRA, Rodrigo. Reflexões acerca da continuidade e descontinuidade no Vaticano II: possibilidades de análise. **Revista de Cultura Teológica**. v. 3, p. 1-13, 2008; ROUTHIER, Gilles. **II Concilio Vaticano II: recezione ed ermeneutica**. Milano: Vita e Pensiero, 2007; ROUTHIER, Gilles (dir.). **Réceptions de Vatican II: le Concile au risque de l'histoire et des espaces humains**. Leuven: Uitgeverij Peeters, 2004; O'MALLEY, John W. **Vatican II. Did anything happen?** New York: Continuum, 2007.

cardeal Alfredo Ottaviani <sup>87</sup>, em 1962, foi altamente propagandeado por inúmeros grupos católicos sedentos por certa transigência entre a Igreja e a modernidade, e teve um influxo razoável na maioria dos padres do Vaticano II. <sup>88</sup>

Outro ponto que se pode deter é aquele que faz referência explícita ao Concílio Vaticano II. De fato, João Camillo presenciou todo o seu desenrolar e também alguns anos do chamado pós-concílio. <sup>89</sup> Nesse período, muitos católicos, entre leigos, teólogos, padres e religiosos, assumiam uma perspectiva peculiar sobre o concílio, avançando ainda mais na interpretação de seus documentos, e mesmo, poderia se dizer, “criando” um concílio próprio, na medida em que o compreendiam como um “virada epocal”, revolucionária na história da Igreja. <sup>90</sup> João Camillo percebe bem a conjuntura religiosa a sua volta e repete Paulo VI – profundamente preocupado com os rumos do catolicismo no período, mesmo antes do concílio se finalizar em 1965 – ao afirmar que o evento conciliar veio “renovar, não revolucionar”. Este tema da interpretação do concílio torna-se atualmente um tema “quente” entre teólogos e historiadores, principalmente depois do discurso de Bento XVI aos cardeais no Natal de 2005, no qual o papa reafirmou a necessidade de se interpretar o concílio – como Paulo VI fez inúmeras vezes <sup>91</sup> – na linha da tradição.

Num de seus escritos – sem data, mas parece que escrito depois da conclusão do Vaticano II (1965) – pode-se ler algumas de suas palavras sobre seus posicionamentos em relação aos movimentos de renovação da Igreja, que demonstram, por sua vez, o senso histórico do historiador católico, afastando-o claramente das perspectivas neo-escolásticas:

Fui um renovador; a Igreja fixara-se em formas rígidas e obsoletas que, belas sem dúvida, adequadas ao tempo em que foram estabelecidas, haviam perdido a razão de ser. O povo não compreendia a Missa e os sacramentos. O latim era língua morta, mesmo para as pessoas cultas [...] Realidades novas surgiam, a era tecnológica nascia, mundos novos

<sup>87</sup> Sobre este polêmico cardeal, cf. CAVATERRA, Emilio. **Il Prefetto del Santo Offizio: le opere e i giorni del cardinale Ottaviani**. Milano: Mursia, 1990.

<sup>88</sup> Os estudos sobre seu pensamento teve um progressivo aumento nos últimos anos, mas pesquisas sobre sua influência no Brasil ainda estão por ser realizadas. Espera-se que, em médio prazo, este pesquisador esteja apto a abordar a temática a partir da própria obra de João Camillo, sua *Teoria Geral da História*.

<sup>89</sup> Por sinal, o historiador trata dos anos do pós-concílio em Belo Horizonte no seu **A Igreja de Deus em Belo Horizonte** (1972).

<sup>90</sup> De fato, a influência de alguns grupos no Brasil, especialmente aquele batizado por Löwy como “cristianismo de libertação”, foi um dos propugnadores desse tipo de concepção, isto é, a *hermenêutica da ruptura*. Cf. MEZZADRI, Luigi. Giovanni XXIII fra mito e storia. **La rivista del Clero italiano**, Milano. Anno 56, n. 12, p. 936-938, Dicembre 1975.

<sup>91</sup> Cf. alguns discursos de Paulo VI sobre o tema em MALNATI, Ettore. **Paolo VI e il Concilio**. Casale Monferrato: Portalupi, 2006.

---

apareciam e a religião, a teologia, a moral, a doutrina, e as palavras, tudo continuava relacionado a um mundo agrário [...] Símbolos externos, como os trajes, já sem relação com as coisas, os costumes e os hábitos do tempo [...] A autoridade magisterial da Igreja, embora mais positiva e afirmativa, embora nos oferecendo, constantemente, encíclicas atuais e oportuna, ressentia-se de muitas falhas de organização [...] a pesquisa da verdade era tolhida pelo medo das congregações romanas, por vezes distantes e mal informadas acerca dos fatos. Por isso era pela reforma. Aplaudi o movimento litúrgico, louvei o movimento bíblico, concordei com o ecumenismo, apoiei Jacques Maritain e Teilhard de Chardin em suas tentativas de renovação filosófica, difundi encíclicas sociais [...] Aplaudi o concílio, já tenho livros inspirados na *Gaudim et Spes* [...]

De forma clara, João Camillo se afasta das correntes conservadoras que se manifestaram no desenrolar do Concílio Vaticano II, especialmente pela estima que tem ao pensamento de Maritain e Chardin. Mais à frente afirmava que antes dos movimentos de renovação que despertaram a Igreja para um novo tempo,

Ser cristão era quase optar pela Idade Média, bela em seu tempo, absurda hoje, pois, estamos noutra época. Ser cristão era quase condenar-se a viver fora do tempo e do espaço. Por isso alegrei-me com as reformas. Hoje sou pela conservação. As reformas estão a caminho e muitas ainda não se concluíram. Mas, o espírito de inovação e a autonomia foi longe de mais e tudo compromete. Não se aceita a autoridade, não digo esta ou aquela, mas a mera idéia da autoridade. Cada um quer ter sua regra de fé, fixar seu ritual, estabelecer a sua versão da doutrina. Cada cristão se mune de poderes de pontífice, de doutor da Igreja e de sacerdote. Todos somos teólogos por nossa conta, todos somos sacerdotes de nossa própria autoridade, todos somos inspirados profetas [...] A palavra do papa não é mais escutada. Os bispos não são obedecidos [...](Caixa 22, Pasta 5).

O católico mineiro aparente grande satisfação e alegria sobre os acontecimentos renovadores na Igreja, o “sopro do Pentecostes”. Contudo, mais uma vez afirma: “renovação dentro da tradição. Um mundo novo que não é a negação do antigo, mas a renovação dele, numa dialética cristã, que não se funda na contradição, como a marxista, mas na continuidade, na renovação, podemos dizer, na ressurreição...” (Caixa 13, Pasta 10).

A fim de propor uma posição frente o que chama de “crise da Igreja”, João Camillo afiança:

Há o depósito de verdades reveladas que não podemos tirar para fora da amurada, para salvar o barco. Ser cristão é fundar a vida e o pensamento na fé no Cristo, Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado. Há uma série de opções teóricas e práticas na idéia central

do Evangelho. Uma delas, de que a vida fundada na Fé, no Mistério e que importa sacrificar certos valores humanos aos valores eternos. Somos católicos: pertencemos a uma comunidade que tem leis e que ensina. Um católico, sempre, terá de enfrentar uma tragédia, que já conheceram os apóstolos: o sacrifício de suas opiniões pessoais, do que cada um pensa que é o reino de Deus, a uma regra geral, apresentadas pela autoridade. Silenciar cem anos, como Rosmini, mas não se revoltar (Caixa 22, Pasta 5).

Posteriormente, o historiador católico trata da questão social, a fim de demonstrar suas posições, e faz uma distinção curiosa do “movimento socialista” e do comunismo. Afirma:

Em matéria social, sempre me coloquei numa posição afirmativa. É claro que não sou comunista. Mas o comunismo foi um desvio funesto, uma traição no movimento socialista, que, graças à orientação de Lenine, deu no Estado totalitário e no capitalismo de Estado. Socialismo autêntico é o de Branting e Atlee <sup>92</sup>. Talvez seja o conservador autêntico: a abolição da exploração do homem pelo homem deve fazer-se sem a destruição e da ordem natural das sociedades (TORRES, 1998, p. 167).

Sobre seu posicionamento político afirmou:

Seria eu conservador por ser monarquista? Há um fato: no século passado, de modo geral, os ideais de constitucionalismo e governo representativo, somente tiveram êxito em monarquia [...] Se é ser conservador defender a liberdade, a democracia efetiva, a justiça, obviamente sou um conservador. O caso é que, ou temos um rei, ou não temos liberdade [...] Talvez seja este o verdadeiro conservadorismo: ao invés de destruir a ordem social, ao invés de arrasar todas as instituições humanas, criar um clima em que todos possam viver em paz e liberdade. De fato, sou um conservador: quero a vida, não morte. (TORRES, 1998, p. 167-168).

Na mesma obra, *O homem interino*, João Camillo trata em alguns de seus textos selecionados, de sua infância e sua relação com o transcendente ao engajamento militante nas hostes católicas do período:

A minha geração foi dominada pela influência dos grandes convertidos, no gênero Maritain, Chesterton, Claudel, sem falar nos nossos, principalmente Jackson e Alceu. Muitos chegaram, de tanto lerem narrativas de conversões, a lamentar não terem perdido a fé, para terem a alegria da redescoberta do Deus vivo e verdadeiro [...] Conservou-se Deus até hoje a Fé que disseram por mim ao bom Pe. Olímpio, na matriz de Itabira, hoje Sé-catedral, que eu queria. Fui de

<sup>92</sup> Karl Hjalmar Branting (1860-1925) foi um dos líderes do Partido Social-Democrata sueco entre 1907 e 1925 e primeiro-ministro em três momentos diferentes da história política sueca. Clement Attlee (1883-1967) foi primeiro-ministro inglês entre 1945 e 1951 que organizou o estado economicamente no pós-guerra instituindo as bases do *welfare state* britânico. Parece que João Camillo denomina “socialismo” os pressupostos do Estado de bem-estar social que emergem a partir dos anos 1930.

---

infância o menino piedoso da literatura religiosa tradicional, e a minha primeira comunhão foi um dia glorioso, justificando toda retórica habitual a respeito; fui coroinha, quis ser padre, etc., embora nunca tivesse entrado para qualquer seminário [...] Em certa época, o acaso me pôs em contato com a revista *Ordem* e os movimentos que se faziam no Rio – era, então, um estudante só no mundo e começava a sonhar o jornalismo. Li coisas de Alceu, Hamilton Nogueira, Pe. Leonel Franca (mal sabia que todos viriam a ser amigos meus) e que andava pelo mundo um movimento de redescoberta dos valores do catolicismo e que não havia incompatibilidades entre a cultura e a religião. O resto, a convivência com os movimentos de Ação Católica, a que não pertencia, mas acompanhava de perto e adotava todas as posições, o trabalho em *O Diário*, o magistério na Faculdade Santa Maria, o estudo, afinal, a minha verdadeira conversão. Considero praticamente impossível explicar meu itinerário espiritual [...] Trazia a fé da infância; mas *trazia a marca jansenista*, que fazia ver em tudo pecado, que impedia um certo à vontade espiritual, sem o qual não se pode fazer nada – e sobretudo minha imaginação com imaginação racionalista, digamos assim, tem sido muito útil na vida profissional, mas atrapalha em muitas coisas. Costumo viver por antecipação fatos agradáveis e desagradáveis, que acabam não acontecendo, continuo a reviver certos fatos incômodos que não me largam mais [...] Essa faculdade, digamos assim, para o progresso espiritual é um desastre, leva o indivíduo a toda sorte de dúvidas e confusões, a complicações inúteis, a pecados imaginários, à tendência de considerar a vida religiosa um problema de introspecção, ao escrúpulo, a deformações outras que o século XVII conheceu. Imagine-se isso num indivíduo de *formação jansenista* [...] Um dia criei coragem superei todas as dificuldades e ajudados pelos velhos redentoristas holandeses da Igreja de São José, tornei um católico sem problemas, de vida espiritual razoável. Se estou longe do que deveria ser, se eu mesmo me espanto por minha falta de esperança, de confiança em Deus, de verdadeira caridade, deixei de lado o *jansenismo da infância* e a imaginação doentia de minha mocidade”. (grifo nosso) (p. 118-119, 120).

Eis um ponto interessante – o que versa sobre a influência do *jansenismo* no pensamento do historiador católico – que as pesquisas futuras deverão se debruçar para compreender os aspectos centrais das reflexões de João Camillo, tanto seu olhar sobre a história, quanto suas posições filosóficas.

O *jansenismo* foi uma corrente filosófica que se desenvolveu no século XVII, causando grandes e importantes debates teológicos e recebeu este nome por ter tido sua origem nas reflexões do bispo Cornelius Jansen (1585-1638). O aspecto desta corrente teológica, que João Camillo faz referência, é aquele ligado aos aspectos dogmáticos da doutrina católica e que incide, principalmente, sobre a sempre difícil e discutida questão da graça e pecado, ou seja, a reflexão secular sobre o livre-arbítrio.

Ao se referir às duas principais fontes do pensamento de Jansenius – a fim de explicar a categoria de “insuficiência essencial”<sup>93</sup> – objeto da antropologia de Blaise Pascal, como afirma Pondé (2001) – Henri De Lubac explica:

Para Baius como para Agostinho, digamos – e é daí que tudo vai se desenrolar – o homem é feito de tal forma que em qualquer hipótese ele tem necessidade, para realizar seu destino, do socorro exterior de Deus. Tanto para um como para o outro, um estado no qual o homem seria entregue à sua própria sabedoria e reduzido às suas próprias forças, no qual ele teria que se desenvolver e se realizar por si mesmo, um tal estado é inconcebível. Nenhum dos dois dá, portanto, lugar, nesse sentido, à idéia de uma natureza pura. [...] Pelo princípio que acaba de ser enunciado, Agostinho recusa-se a conceber um estado no qual o homem seria suficiente a si mesmo, no qual ele seria mais independente de Deus [...] (DE LUBAC apud PONDÉ, 2001, p. 21).

De fato, Agostinho – e seus seguidores modernos – negam a possibilidade de uma suficiência humana, na qual o homem seria mais independente de Deus. Ou seja, na nossa miséria e insuficiência é que se encontraria a possibilidade de abertura do homem para o sobrenatural, “ou ‘necessidade’ ontológica de Deus”.

Bem, como um intelectual que recebeu inúmeras influências do pensamento teilhardiano, João Camillo – como visto também a partir de suas próprias palavras – não compreende a teologia do pecado original a partir da concepção jansenista, permeada de visão limitadora das capacidades ontológicas humanas, aderindo abertamente às concepções mais positivas sobre o homem, como era sugerido por Chardin.<sup>94</sup>

O pensamento do teólogo e paleontólogo francês sobre o pecado original é muito característico e visa inseri-lo numa dinâmica positiva e evolucionista, uma das características da reflexão teilhardiana. A fim de explicar a presença do mal no mundo, Chardin afirma que o dogma do Pecado Original, “em sua expressão atual”, representa uma cosmovisão que tenta explicar a experiência do mal em um universo fixista. Para Chardin, esta forma de interpretar a Queda é uma solução estática do problema do mal:

num mundo criado de todo pronto [...] uma desordem primitiva é injustificável: é preciso encontrar um culpado. Mas num Mundo que

<sup>93</sup> Pondé, que realizou importante estudo sobre a antropologia pascaliana diz o seguinte sobre este conceito: “a idéia de insuficiência descreve claramente o horizonte do homem como dependente – dependência positiva, de algo que carrega a identidade ontológica essencial do homem – com relação a um registro que não faz parte de sua natureza empírica – a negação dessa dependência funda o pecado de Adão, o orgulho como afirmação da suficiência do homem, exclusão do Sobrenatural [...]” (PONDÉ, 2001, p. 20).

<sup>94</sup> Teilhard de Chardin dedicou inúmeros livros sobre a temática do mal e do pecado original. São eles: **O sentido da cruz** (1917), **Nota para servir à Evangelização dos Tempos Novos** (1919), **Queda, Redenção e Geocentrismo** (1920), **Nota sobre algumas representações históricas possíveis do pecado original** (1922), **Projeto de um “Compromisso sobre o pecado original”** (1924), **O sentido humano** (1929), **Reflexões sobre o pecado original** (1947) e **Mal evolutivo e pecado original** (1953).

---

emerge pouco a pouco da Matéria, não é mais necessário imaginar um acidente primordial para explicar a aparição do Múltiplo e de seu satélite inevitável: o Mal... [...] O Mal? Mas este aparece necessariamente no curso da unificação do Múltiplo, posto ser a própria expressão d um estado de pluralidade ainda incompletamente organizada (CHARDIN, s/d, p. 163).

Desta forma, para Chardin, “o novo Ser lançado na existência, e não completamente assimilado ainda à Unidade, é algo perigoso, doloroso e extravagante” (CHARDIN, s/d, p. 163).<sup>95</sup>

Assim, em sua abordagem evolucionista da realidade humana, Chardin entende que o mal se encontra ligado ao processo de evolução humana, de sua tomada de si mesma. Afirma que, “para o êxito do esforço universal de que somos simultaneamente os colaboradores, e do que está em jogo, é inevitável que haja sofrimento [...] O mundo [...] é um imenso tateio, uma imensa procura, um imenso ataque [...] Os sofredores, de qualquer espécie, são expressão dessa condição, austera porém nobre [...] Apenas pagam pelo avanço e pelo triunfo de todos” (CHARDIN, s/d, p. 71). É preciso compreender que, para Chardin, o sofrimento é um sinal de um mundo que se constrói, de uma história da criação que ainda não se finalizou, que se encontra em metamorfose.

É mister notar que a reflexão de Chardin, segundo João Camillo, é embebida da filosofia de Duns Scoto, por isso a atenção do historiador mineiro também se volta para este último. De acordo com a visão escotista-teilhardiana, a Encarnação Gloriosa seria o ‘fim’ normal da Criação: Deus criou o mundo para que, na plenitude dos tempos, seu Filho se manifestasse, assumindo a forma humana e recapitulando tudo. Mas, penetrando o pecado no mundo, o homem se alienou, isto é, foi expulso do paraíso da perfeição humana total, tornou-se extrínseco a si mesmo. A morte, e com ela as doenças, as paixões, as desordens sexuais, as guerras, invadiram tudo e contaminaram tudo. E convém registrar, como exemplo do caráter também sexual da tentação satânica, isto é, a propagação da espécie por via natural como rebeldia e, portanto, a encarnação como consequência da evolução e algo assim como direito natural da mulher, ao invés de ser, de qualquer modo, uma dádiva de Deus, e sem direito do homem a ela, e como consequência da presença do ato reprodutor no pecado, temos o fato, tão comum por

---

<sup>95</sup> Sobre o papel de Jesus em sua cristologia, Chardin afirma: “Jesus é Aquele que supera estruturalmente em Si mesmo, e por todos nós, as resistências que o Múltiplo opõe à unificação, as resistências à ascensão espiritual inerentes à Matéria. Ele é aquele que carrega o peso de todo tipo de criação, inevitável por construção. Ele é o símbolo e o gesto do Progresso (CHARDIN, s/d, p. 164).

toda a parte, principalmente no Oriente Médio, de cultos fálicos e práticas ligadas às religiões.

Tal perspectiva é depreendida da noção de mundo que Chardin propõe em seu modelo de compreensão do universo, que se calca numa “verdadeira ascética do esforço humano: construir a Terra para consumir o Céu, alcançar o Espírito através da Matéria, chegar a Deus partindo do Mundo” (ARCHANJO, s/d, p. 15). Para o paleontólogo, a Criação não é uma tarefa acabada e ela caminha do múltiplo para o Uno, isto é, o Universo caminha do caos primordial à tomada de consciência, ao despertar humano sobre a Terra. Segundo Chardin, há uma força que age a partir de dentro da Matéria, orientando a evolução ao Ponto Ômega, ao ponto de convergência, à unidade (CHARDIN, 1970).<sup>96</sup>

Em outro de seus textos, João Camillo afirmava o seguinte sobre a cosmologia teilhardiana:

Sempre apreciei as visões místico-cosmológicas de Teilhard de Chardin, não obstante suas imprecisões de vocabulários (era um cientista, não um teólogo) pelo fato de ser um elo entre a mentalidade moderna e o pensamento de S. Paulo e da escola dos teólogos da escola franciscana, notadamente Duns Escoto, cujo pensamento, fundado numa visão cristocêntrica do mundo, e no sentido do valor do indivíduo, representa, para o desesperado homem do século XX, uma fonte de profundos ensinamentos. Paulo VI, aliás, quebrando um certo tabu, fez há tempos sensacional elogio do mestre franciscano. Mas, vejo que as fontes impuras do materialismo moderno tiveram preferências (Caixa 25, Pasta 7).

Bem, não se pode, neste artigo, alongar-se mais sobre este ponto do objeto em estudo, devido à sua brevidade e, também, a falta de elementos teológicos e comparativos para que possamos empreender uma reflexão mais distinguida, o que só se poderá realizar com o desenvolvimento e avançar da investigação. Contudo, a pista é importante e deve se levar em conta para a realização de estudos mais verticalizados sobre as filiações filosóficas de João Camillo, pois, como visto acima, ele se declara antijansenista, ou seja, pelo que é possível compreender, não frisa os aspectos humanos que se referenciam na teologia da Queda. O historiador católico, desse modo, é mais

---

<sup>96</sup> Um de seus pequenos textos poéticos dizia: Eu creio que o universo é evolução/ Eu creio que a evolução se dirige em direção ao espírito/ Eu creio que o espírito culmina na pessoa/ Eu creio que a pessoa suprema é o Cristo universal. O mundo não será nunca suficientemente vasto, Nem a humanidade suficientemente forte/ Para serem dignos d'Aquele que os criou e encarnou./ Creio na Igreja, mediadora entre Deus e o mundo, E a amo-a. Parece-me que isto me dá muita paz./ Não ambiciono outra coisa senão o ser/ Lançado nos fundamentos do edifício que vai/ A erguer-se (s/r).

“moderno” do que podem pensar aqueles que o bradam como um “conservador” ou “reacionário”.

No entanto, mesmo se afastando de uma visão pessimista do homem, calcada na teologia da Queda e na sua interpretação jansenista, João Camillo também não era afeito a certo pensamento moderno que se baseava em noções advindas do liberalismo e das reflexões marxistas e que afirmavam as virtualidades de um homem capaz de construir, pelas suas próprias mãos, o “paraíso terreno”. Em um de seus textos, refletindo o que chama de “crise religiosa do mundo moderno” e da história de Fausto, João Camillo afirma:

O século passado criou várias formas de transcendente imanentizado, isto é, de transcendências alienadas, por não se apresentarem com objetivos além do homem. O mito liberal do progresso indefinido e automático, por exemplo, foi um, a Religião da Humanidade e a vinda próxima do estado positivo, de Augusto Comte, outro, enquanto o marxismo, com seu ideal de salvação do homem pela revolução socialista é um terceiro, que ainda funciona (Caixa 25 Pasta 7).

Para o historiador, todas essas formas de “transcendente imanentizado”, isto é, de “sucedâneos de transcendência” levam os homens apenas à ilusão e à alienação de sua condição.<sup>97</sup> Além disso, para ele, o homem retorna à situação dos povos antigos ao adorar – não só estas teorias – mas os objetos que são fabricados por ele, as máquinas e seus congêneres. Mais a frente assevera:

Não podemos, filosoficamente falando, encontrar uma transcendência senão reconhecendo a existência de Deus. Somente um Ser fora da realidade material, necessário e eterno, causa da realidade, poderá transcender à existência concreta. E o homem somente poderá superar a condição humana por sua integração num Ser além das coordenadas da matéria, do tempo e do espaço (Caixa 25 Pasta 7).

Nota-se que João Camillo afirma a importância de um Deus transcendente e critica aquelas idéias nas quais, imanentizando o transcendente, visavam falaciosamente criar o reino de Deus na terra, demonstrando-se assim um crítico das teorias políticas modernas em voga, como, *grosso modo*, o marxismo.

---

<sup>97</sup> Entre vários filósofos que trataram da questão das “religiões seculares”, como Karl Löwith e Giacomo Marramao, destaca o pensamento de Eric Voegelin e sua tese sobre a natureza gnóstica da modernidade. Segundo o filósofo austríaco radicado nos EUA, as teorias que gerariam as piores atrocidades do século XX, como os totalitarismos nazista e soviético, partiam de uma inversão da escatologia cristã e tinham suas raízes no gnosticismo, com o qual o cristianismo lutou no início de sua afirmação histórica. Cf. VOEGELIN, Eric. **A nova ciência da política**. Brasília: UNB, 1982.

### Considerações finais

O pensamento filosófico-histórico do historiador e pensador católico do mineiro João Camillo de Oliveira Torres é complexo e, devido a este fato, pouco rotulável e dificilmente enquadrado em categorias e tipos teóricos existentes para situar formas de pensar político-religiosos, como “progressismo”, “conservadorismo”, “reacionarismo”. O intelectual desponta como referência do pensamento católico mineiro num tempo em que a Igreja romana e o papado são assinalados pelo espírito ultramontano e o catolicismo brasileiro pela chamada romanização. Além destes aspectos sócio-religiosos, marcados, primeiro, por uma tentativa de “fechamento” da hierarquia religiosa aos valores modernos e, segundo, por uma atividade militante de D. Sebastião Leme e seus seguidores em extirpar a “ignorância religiosa” do povo brasileiro, João Camillo também presenciou no mesmo período a emergência de inúmeros movimentos católicos que clamavam por mais participação dos leigos na vida religiosa, nos movimentos sociais, e também viu os novos rumos que o pensamento teológico tomava nos anos finais da primeira metade do século XX.

Desta forma, a partir de uma primeira leitura em seus escritos, publicados ou não, e também em algumas de suas cartas pessoais, podemos tomar o pensamento de João Camillo como um exemplo, podemos dizer assim como hipótese conclusiva, de um católico brasileiro que viveu entre dois mundos religiosos: aquele marcado por certo conservadorismo político e religioso – na figura da Igreja ultramontana e da romanização – e daquele assinalado pelas novidades trazidas por vários movimentos católicos, que seriam, de certa forma, recebidos e incentivados pelo Concílio Vaticano II (1962-1965). Assim, como ele mesmo deixa transparecer em alguns de seus textos, considera-se um “conservador na política” e um “progressista na religião”. De um lado, defende a monarquia brasileira – obviamente que em novas bases, aquelas assemelhadas à britânica e sueca –, e de outro, apresenta uma visão otimista das realidades terrestres, característica peculiar, grosso modo, às perspectivas dos movimentos católicos imbuídos que perspectivas teológicas mais transigentes com as questões modernas.

De fato, não se pode dizer para finalizar este projeto em “conclusão”. Na verdade, a pesquisa desenvolvida é apenas um dos primeiros passos na busca de pistas e no mapeamento das várias filiações do pensamento de João Camillo de Oliveira Torres, apontando, assim, para a complexidade da reflexão proposta pela personagem e para o

conjunto de textos que a influenciaram na construção de sua forma particular de compreender o mundo.

## REFERÊNCIAS

### BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Antonio José de. Modelos eclesiológicos e ministérios eclesiais. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 48, f. 190, p. 310-52, jan., 1988.

ANTONIAZZI, Alberto. Faces e fases da Igreja de Belo Horizonte dos anos 50 aos anos 70. In: ANTONIAZZI, A; NEVES, Lucília de A; PASSOS, M. (orgs.) **As veredas de João na barca de Pedro**. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2002.

ARCHANJO, José Luiz. **Teilhard de Chardin. Mundo, homem e Deus**. São Paulo: Cultrix, s/d.

AZZI, Riolando. **A neocristandade: um projeto restaurador**. São Paulo: Paulus, 1994.

\_\_\_\_\_. O movimento brasileiro de reforma católica durante o século XIX. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis, v. 34, f. 135, p. 646-62, 1974.

\_\_\_\_\_. Presença da Igreja católica na sociedade brasileira. **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 1-66, 1981.

BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II (1959-1965)**. São Paulo: Paulinas, 2005.

\_\_\_\_\_. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização. In: FAUSTO, Boris (org.) **História geral da civilização brasileira**. Tomo III. São Paulo: Difel, 1984, p. 273-41.

\_\_\_\_\_. **Padres conciliares brasileiros no Vaticano II: participação e prosopografia – 1959-1965**. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. 2001

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

BRUNEAU, Thomas C. **Catolicismo brasileiro em época de transição**. São Paulo: Loyola, 1974.

CALDEIRA, Rodrigo Coppe. **O influxo ultramontano no Brasil e o pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora. 2005.

CALDEIRA, Rodrigo Coppe. **Os baluartes da tradição: o conservadorismo católico brasileiro no Concílio Vaticano II**. Curitiba: CRV, 2011.

CALDEIRA, Rodrigo Coppe. Reflexões acerca da continuidade e descontinuidade no Vaticano II: possibilidades de análise. **Revista de Cultura Teológica**. v. 3, p. 1-13, 2008.

CAMPOS. **Tomismo no Brasil**. São Paulo: Paulus, 1998.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Um historiador fala de teoria e metodologia: ensaios**. Bauru: EDUSC, 2005.

CAVA, Ralph Della. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

CAVATERRA, Emilio. **Il Prefetto del Santo"Offizio**: le opere e i giorni del cardinale Ottaviani. Milano: Mursia, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHARTIER, R. **História cultural**. Lisboa: DIFEL, 1990.

CONGAR, Yves. **Os leigos na Igreja**: escalões para uma teologia do laicato. São Paulo: Herder, 1966.

CHARDIN, Teilhard de. **Mundo, homem e Deus**. Textos selecionados, introduzidos, traduzidos, anotados e comentados por José Luiz Archanjo. São Paulo: Cultrix, 1978.

CHARDIN, Pierre Teilhard de. **O fenômeno humano**. Porto: Tavares Martins, 1970.

CHARDIN, Pierre Teilhard de. **O meio divino**. São Paulo: Cultrix, s/d.

CHAUCHARD, P. **Teilhard e o otimismo da cruz**. Petrópolis: Vozes, 1967.

COLOMER, E. **A evolução segundo Teilhard de Chardin**. Porto: Tavares Martins, 1967.

CUÉNOT, C. **Aventura e visão de Teilhard de Chardin**. Lisboa: Duas Cidades, 1966.

CUYPERS, H. **Teilhard, pró o contra?** Petrópolis: Vozes, 1967.

\_\_\_\_\_. **Vocabulário Teilhard**. Petrópolis: Vozes, 1967.

DE LUBAC, H. **A oração de Teilhard de Chardin**. Lisboa: Duas Cidades, 1965.

DENZINGER-HÜNERMANN. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2007.

DOSSE, François. **A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido**. São Paulo: UNESP, 2001.

FALCON, F. História das idéias. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.) **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HORTA, Luiz Paulo. **Gustavo Corção: Melhores Crônicas**. São Paulo: Global, 2010.

LADUSÁNS, S. **Rumos da filosofia atual no Brasil em auto-retratos**. São Paulo: Loyola, 1976.

LEON-DUFOUR, M. **Teilhard de Chardin e o problema do futuro humano**. Lisboa: Morais, 1966.

- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 2003.
- LE GOFF, J. **São Luís: uma biografia**. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.
- \_\_\_\_\_. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.) **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- LIMA, Lana Lage da Gama et al. (org.). **História & Religião**. Rio de Janeiro: FAPERJ/ANPUH/Mauad, 2002.
- LIMA, Alceu de Amoroso. **Companheiros de viagem**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.
- LÖWITH, Karl. **O sentido da história**. Lisboa: Edições 70, s/d.
- MAINWARING, Scott. **Igreja católica e política no Brasil: 1916-1985**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MALNATI, Ettore. **Paolo VI e il Concilio**. Casale Monferrato: Portalupi, 2006.
- MANNHEIM, Karl. O significado do conservantismo. In: FORACCHI, Marialice M. **Manheim**. São Paulo: Ática, 1982.
- MANOEL, Ivan A. A esquerdização do catolicismo brasileiro (1960-1980): notas prévias para uma pesquisa. **Estudos de História**, Franca, v. 7, n. 1, p. 135-48, 2000.
- \_\_\_\_\_. **O pêndulo da história: tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960)**. Maringá: Universidade estadual de Maringá, 2004.
- MARQUES, Rita de Cássia. **Da Romanização à Terceira Via: a Igreja no Brasil de 1889 a 1945**. Belo Horizonte, 1995. Dissertação de Mestrado em História, UFMG.
- MATOS, José Henrique C. **Um estudo histórico sobre o catolicismo militante em Minas, entre 1922 e 1936**. Belo Horizonte: O Lutador, 1990.
- MOURA, Odilão. **Idéias católicas no Brasil: direções do pensamento católico no Brasil no século XX**. São Paulo: Convívio, 1978.
- MEZZADRI, Luigi. Giovanni XXIII fra mito e storia. **La rivista del Clero italiano**, Milano. Anno 56, n. 12, p. 936-938, Dicembre 1975.
- MONDIN, Battista. **Os grandes teólogos do século vinte**. v. 1. São Paulo: Paulinas, 1972.
- MOURA, Odilão. **Idéias católicas no Brasil: direções do pensamento católico do Brasil no século XX**. São Paulo: Convívio, 1978.
- NASCIMENTO, Silvio Firmo do. **A Igreja em Minas Gerais na República Velha**. Curitiba: Juruá, 2008.
- O'MALLEY, John W. **Vatican II. Did anything happen?** New York: Continuum, 2007.
- PEREIRA, Lúgia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. **Revista da Associação Brasileira de História Oral**. São Paulo, n. 3, p. 117-27, jun. 2002.

PIERUCCI, Antônio Flávio. A Igreja católica: 1945-1970. In: FAUSTO, Boris (Org) **História geral da civilização brasileira: o Brasil Republicano**. Tomo III. São Paulo: DIFEL, 1984, p. 345-80.

PONDÉ, Luiz Felipe. **O homem insuficiente: comentários de antropologia pascaliana**. São Paulo: Edusp, 2001.

POULAT, Emile. Catolicidade e modernidade: um processo de exclusão mútua. **Concilium**, Petrópolis, v. 224, 1992.

\_\_\_\_\_. Compreensão histórica da Igreja e compreensão eclesiástica da História. **Concilium**, Petrópolis, n. 57, p. 811, 1971.

ROUTHIER, Gilles. **II Concilio Vaticano II: recezione ed ermeneutica**. Milano: Vita e Pensiero, 2007.

ROUTHIER, Gilles (dir.). **Réceptions de Vatican II: le Concile au risque de l'histoire et des espaces humains**. Leuven: Uitgeverij Peeters, 2004.

SALGUEIRO, Heliana Angotti. **Engenheiro Aarão Reis: o progresso como missão**. Belo Horizonte: Fundação João pinheiro, 1997.

SCHNEIDER, p. José Odelso (Orgs.) **Consciência social: A história de um processo através da doutrina social da Igreja**. São Leopoldo: UNISINOS, 1984.

SERBIN, Kenneth. Os seminários: crise, experiências e síntese. In: SANCHIS, Pierre. **Catolicismo: modernidade e tradição**. São Paulo: Loyola, 1992.

SERBIN, Kenneth. **Padres, celibato e conflito social: Uma história da Igreja católica no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SESOÛE, Bernard. **Os sinais da salvação** (séculos XII-XX). Tomo III. São Paulo: Loyola, 2005.

TERRIN, Aldo Natale. **O sagrado off limits**. A experiência religiosa e suas expressões. São Paulo: Loyola, 1998.

TORRES, João Camilo de Oliveira. **A Igreja de Deus em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Éden, 1972

TORRES, João Camilo de Oliveira. **Teoria Geral da História**. Petrópolis: Vozes, 1963.

VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. In: VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VILLAÇA, Antônio Carlos. **O pensamento católico no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

VILLAÇA, Antonio Carlos. **O pensamento católico no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

VOEGELIN, Eric. **A nova ciência da política**. Brasília: UNB, 1982.

WEILER, A. História eclesiástica e autocompreensão da Igreja. *Concilium*, Petrópolis, n. 57, p. 805-810, 1971.

ZUBER, Valentine (dir.). *Un objet de science, le catholicisme. Réflexions autour de l'œuvre d'Émile Poulat*. Lonrai: Bayard, 2001.

## FONTES

1) Arquivo pessoal de João Camillo de Oliveira Torres – Centro de Memória da PUC-Minas

2) Fundo Vaticano II da Biblioteca dos Redentoristas de São Paulo – FVATII/SP

## ANEXO 1

Bibliografia de João Camillo de Oliveira Torres, compilada por Paulo Palmeiro Mendes e publicada no Caderno de Sábado, no *Correio do Povo de Porto Alegre* em 10 de março de 1973

1. O ensino e a finalidade do ensino universitário. Belo Horizonte, 1940
2. O positivismo no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1943
3. O homem e a montanha. Belo Horizonte: Cultura Brasileira, 1944
4. A libertação do liberalismo. Rio de Janeiro: Livraria Editora Casa do Estudante do Brasil, 1949
5. João Surrinha nas montanhas. Rio de Janeiro. Livraria Editora Casa do Estudante do Brasil, 1952.
6. A crise da previdência social no Brasil. Belo Horizonte: Diálogo, 1954.
7. A democracia coroada. Rio de Janeiro: Jose Olímpio, 1957.
8. Introdução e notas aos Conselhos à Regente, de D. Pedro II. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958.
9. Do Governo Régio. Petrópolis: Vozes, 1958.
10. Educação e liberdade. Petrópolis: Vozes, 1958.
11. A propaganda política. Belo Horizonte: Edições da Revista Brasileira de Estudos Políticos, 1959.
12. A história imperial do Brasil e seus problemas. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1959.
13. As aventuras de João Surrinha. São Paulo: Editora do Brasil, 1959.
14. Harmonia política. Belo Horizonte: Itatiaia, 1962.
15. A formação do federalismo no Brasil. São Paulo: Coleção “Brasiliana” da Companhia Editora Nacional, 1961.
16. Um mundo em busca de segurança. São Paulo: Herder, 1961.
17. O presidencialismo no Brasil. Rio de Janeiro: Coleção “Brasiliana” das Edições O Cruzeiro, 1961.
18. A extraordinária aventura do homem comum. Petrópolis: Vozes, 1961.
19. Cartilha do parlamentarismo. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.
20. História de Minas Gerais (cinco volumes). Belo Horizonte: Difusão Pan-Americana do Livro, 1961-1962.
21. Vigília na Serra da Piedade. Belo Horizonte: Editora Vigília, 1962.
22. Desenvolvimento e justiça. Em torno da Encíclica Mater et Magistra. Petrópolis: Vozes, 1962.
23. Teoria Geral da História. Petrópolis: Vozes, 1963.
24. História de Minas Gerais. (para a juventude). Rio de Janeiro: Record, 1963.
25. História do Império. (para a juventude). Rio de Janeiro: Record, 1967.
26. A revolução francesa. (para a juventude). Rio de Janeiro: Record, 1964.
27. Razão e destino da Revolução. Petrópolis: Vozes, 1964.
28. El-Cid. (para a juventude). Rio de Janeiro: Record, 1964.
29. A aurora da civilização. (para a juventude). Rio de Janeiro: Record, 1964.
30. Instituições Políticas e Sociais no Brasil. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.

ARTIGOS

31. Estratificação social no Brasil. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.
32. O Conselho de Estado. Coleção “Ensaio Brasileiro”: Edições GRD, 1965.
33. Educação moral e cívica. Belo Horizonte: Júpiter, 1966.
34. Estudos Sociais Brasileiros. Belo Horizonte: Júpiter, 1968.
35. Os construtores do Império. São Paulo: Coleção “Brasileira” da Companhia Editora Nacional, 1968.
36. História das Idéias Religiosas no Brasil. São Paulo: Grijalbo, 1968.
37. Natureza e fins da sociedade política. Petrópolis: Vozes, 1968.
38. Lazer e cultura. Petrópolis: Vozes, 1968.
39. Introdução e notas às Cartas ao Irmão Lafayette Rodrigues Pereira. Coleção “Brasileira” da Companhia Editora Nacional. São Paulo: 1968.
40. Interpretação da realidade brasileira. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1969.
41. O ocaso do socialismo. Rio de Janeiro: Agir, 1970.

**Traduções**

- Christopher Dawson. **Progresso e religião**. Rio de Janeiro: Agir, 1947.
- Etienne Gilson. **A evolução da Cidade de Deus**. São Paulo: Herder, 1965.
- Walter Lippmann. **Liberdade e bem comum**.

**Obras inéditas**

1. **O homem interino** (seleção de artigos publicados em jornais) (recordações)
2. **Vida partidária no Brasil**. (completo)
3. **O leigo. Um cidadão de Deus**. (completo)
4. **O Barão de Drummond**. (completo)
5. **D. Pedro I e a Independência**. (completo)
6. **A Princesa Isabel e o Poder Moderador**. (completo)
7. **Liberdade e tecnologia**. (completo)
8. **Natureza e formas de alienação** (?)
9. **Os magos voltam do Oriente**. (completo)
10. **Princípios da previdência social** (completo)
11. **O Império Brasileiro Restaurado**. (opúsculo completo)

Recebido em: 10/12/2010

Aprovado em: 25/05/2011